A Cena Muda

CINEMA e RÁDIO

DE FÃ À ESTRÊLA: DEBBIE REYNOLDS

NO BARRACO do PRIMO POBRE

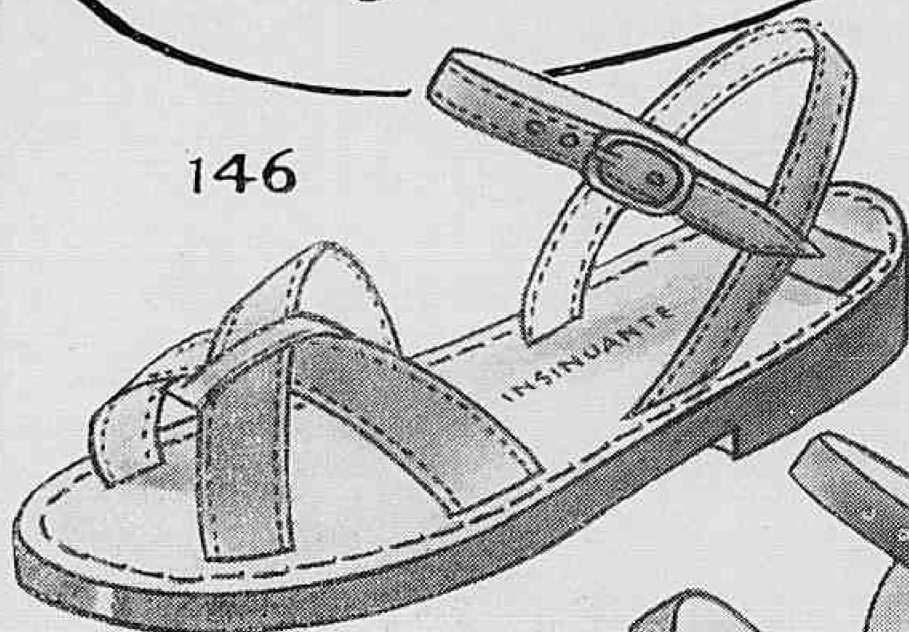
A volta de CARLOS GALHARDO

N.º 4 ★ 21-1-53 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL

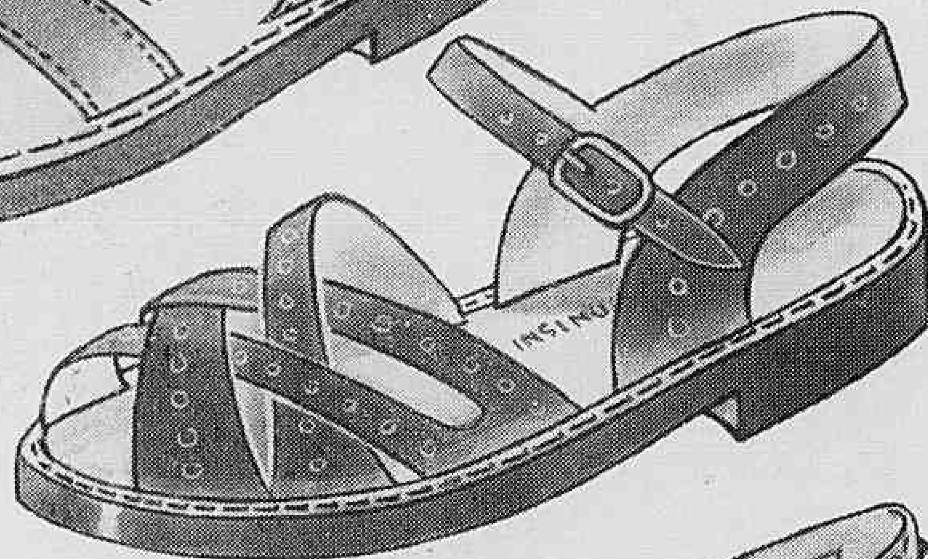


insinuante lança o grito de CARNAVAL!...

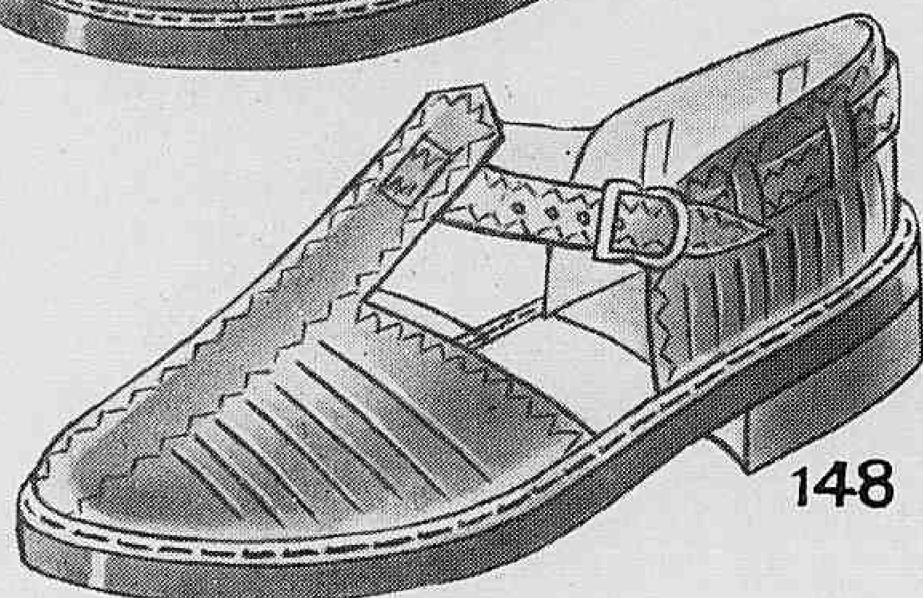
146



147



148



insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

146 — Preço Cr$ 68,00 — 72,00 — 75,00. Respectivamente de 20/27, de 28/32 e de 33/44. Um artigo confortável, orático e durável. Para tôdas as idades e para os dois sexos.

147 — Preço Cr$ 100,00. Num : de 37/44. Um sapato-sandália cem por cento. Vale muito mais!

148 — Preço Cr$ 138,00. Num : de 36/44. Este, reúne todos os predicados. Vale o dôbro!

Remetemos para todo o Brasil, porte por par: 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

INSINUANTE DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

No barraco do "Primo Pobre", por Paulo Brandão 4-5-6
O retrato de Vittorio Gassman 11
De fã a estrêla: Debbie Reynoids, por Dulce Damasceno Brito 18-19

Cine-Romances:

A revolta dos peles-vermelhas.. 12
Duas Mulheres é Demais 14
Almaforte 16-17

Seções Permanentes:

Comentário: "Cinema e outros problemas", de Alberto Dines 3
Estréias no Mundo do Cinema, por Livio Dantas 7
Telas da Cidade, de Alberto Dines 8-9
Noticias e comentários do cinema nacional por Justus e Atrás das Cameras, por Mr. Take 10
Hollywood Boulevard 15
Cena Responde e Cine-Crítica do Leitor 20

RÁDIO

Reportagens especiais:

Está abafando o carnaval da Nacional 21-22-23
Estão sabotando a "Marcha do Conselho" 25-26
Carlos Galhardo voltou com saudades de Portugal 27-28

Seções Permanentes:

Disse-me-disse, daqui-dali-dacolá, e vale a pena saber 24
Sintonisando e Rádio-Social ... 33

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica Capitulo 21 — de José Fernandes 31-32

Música Popular:

Os sucessos de Adelino Moreira para o carnaval de 53 29
Para Você Cantar 30

COMENTÁRIO

CINERAMA & OUTROS PROBLEMAS

Um acontecimento que nos põe em estado de espírito e disposição semelhantes ao da geração mais velha quando enfrenta o cinema sonoro e nos dá uma engraçada seriedade no tomar "posições" e assumir "atitudes", é a aceitação pública e oficial de terceira dimensão no cinema através do processo denominado "cinerama".

Os detalhes técnicos ficam a cargo de publicações especializadas, mas o problema tem nesta sua fase inicial de vida uma série de aspectos e conseqüências, sobretudo brasileiras, que precisam ser analisadas.

O surgimento do cinerama (que em relação ao Som tem menores e menos eficazes argumentos e defesas estéticas, e mais mecânicas e técnicas), o invento de uma máquina de pintura luminosa levado a efeito por um inteligente e jovem pintor brasileiro, o desenvolvimento da híbrica, e disforme artisticamente, Televisão que nos Estados Unidos está destruindo visivelmente o livro (coisa que nem o teatro, o cinema, e o rádio destruíram), e o próprio teatro, cinema e êste outro híbrido, menos completo, o rádio, tudo isto nos faz meditar sèriamente não sôbre Modernismo (na sua expressão estética, filosófica e intelectual), mas na revolução e na exagerada e extrema utilização "artística" dos mais modernos recursos científicos em oposição os processos técnicos e formais das artes, antiquados e usados com poucas diferenças e sòmente em diferentes estágios, há milênios.

A revolução industrial está agora se processando nas Artes.

E êste desnível entre as conseqüências sociais (que foram imediatas) e as conseqüências artísticas, mantido e aceito conformadamente, precisa (talvez até não precise), ser feito gradativamente, com cuidado, para que não aconteça com tôdas as artes o que aconteceu com o Cinema — desenvolveu-se tão exageradamente que agora é difícil diferenciar, precisar e situar suas características de arte ou de indústria, com imensas e quase totais desvantagens para a Arte.

E no Brasil, o problema "cinerama" virá muito latina e brasileiramente dispersar a nossa dispersada e dispersiva gente de cinema, que ainda não se realizou nem artística nem industrialmente. Conseqüência: Se John Ford resolveu aceitar o cinerama é porque John Ford (e o cinema americano) tem atrás de si um passado, um background de realizações e uma evolução que talvez clame por uma nova etapa — o cinema em três dimensões. Mas no Brasil estamos longe desta realização e dêste amadurecimento e conseqüentemente dêste novo passo. Não é necessário, portanto êste alvorôço e esta "preparação" dos "ecléticos". Nem uma atitude de defesa dos "novos-puristas". Esqueçam-se, e continuem no que estão fazendo.

Sim, e talvez até nem se precise desta modernização e cientificização das manifestações artísticas. E' exatamente o seu caráter igual, duradouro e permanente que dá a Arte aquêle caráter Eterno e que liga a mais moderna tendência artística e filosófica com a mais primitiva e primária.

A procura da "realidade" e da facilidade da Arte matarão justamente suas caraterísticas essenciais — suas "irrealidades" (dentro dos padrões reais) e seu caráter difícil e diferente de uma atividade mecânica e cotidiana.

ALBERTO DINES

NOSSA CAPA:

Carlos Galhardo, o querido cantor da Rádio Nacional, que acabou de regressar de uma vitoriosa excursão a Portugal. Nas páginas 27 e 28 completa reportagem sôbre o intérprete da música popular brasileira. — (Foto Ávila).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor: Gratuliano Brito — Assistente: Renato de Alencar
Publicidade: Severino Lopes Guimarães
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:
Redação 23-4447
Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números).	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



— Primo, a situação não está muito boa não (Brandão Filho)
-- E' realmente a situação está periclitante (Paulo Gracindo)



Depois de um dia muito laborioso, chega em casa o Primo

NO BARRACO DO PRIMO POBRE

Brandão Filho vive na tela o mais famoso personagem do "Balança Mais Não Cai"

Reportagem de PAULO BRANDÃO — Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Volta a aparecer no filme brasileiro a figura do consagrado ator de teatro e rádio: Moacyr Brandão Filho.

Descendente direto do famoso Brandão, o velho que dedicou uma existência inteira, a diversão do público, pois foi dos 17 aos 67 anos, um ídolo popular que fêz muita gente rir e chorar no antigo Democrático Circo, da Praça da Bandeira.

Brandão Filho já havia anteriormente se apresentado ao pú-



Aqui nasceu, vive e provàvelmente morrerá o Primo Pobre. Local: Morro da Consolação e Esperança

Ao cair da noite, êle pretende descansar o esqueleto e para isso tem que transformar o paletó em travesseiro



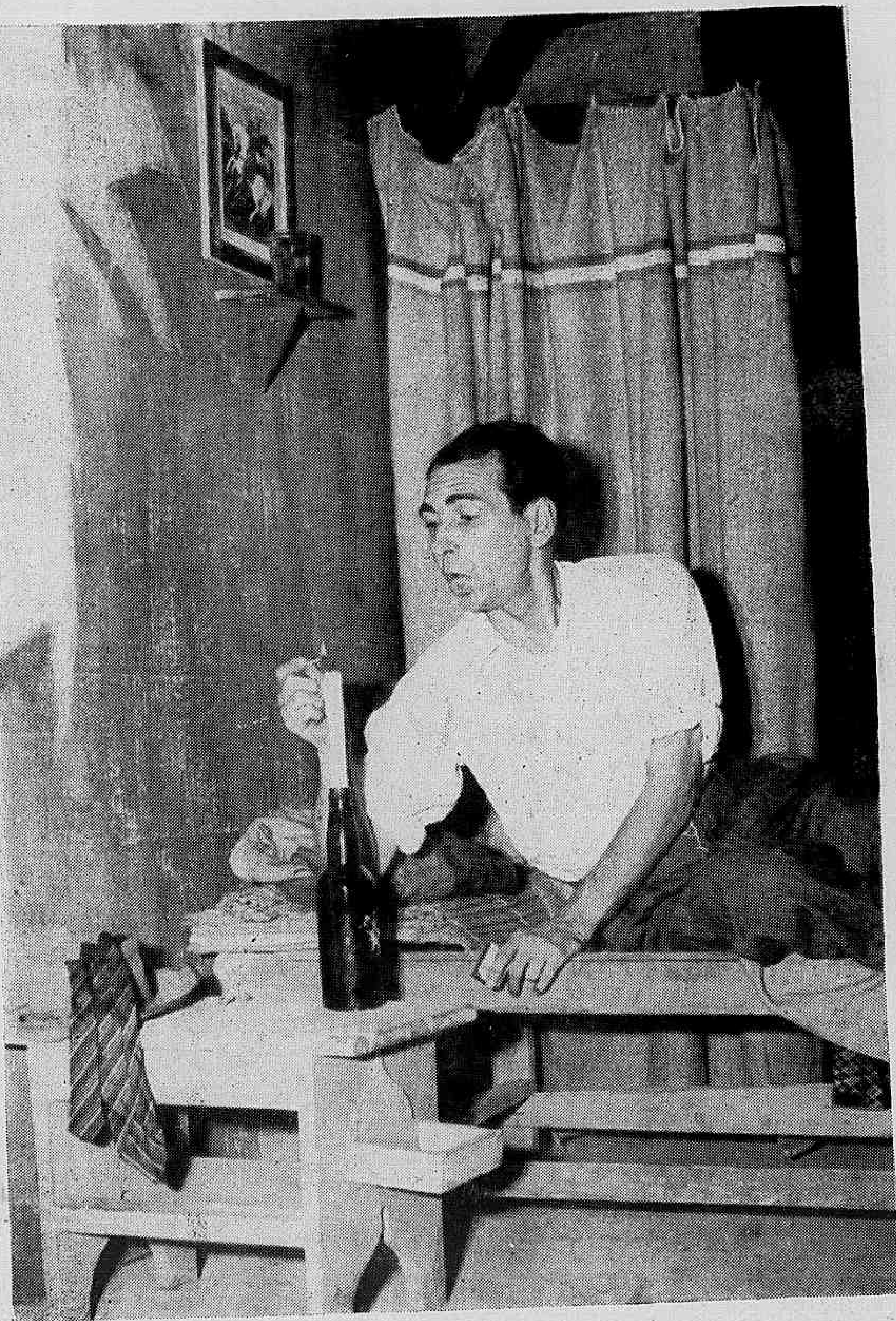
blico no filme: "João Ninguém" (de Mesquitinha e Grande Otelo); "O Dia é Nosso" (com Genésio Arruda, Oscarito e Paulo Gracindo e direção de Lulu de Barros e mais "Samba em Berlim", também com Mesquitinha e Laura Suarez.

Enfim, depois de ter alcançado bastante popularidade com a sua voz através das interpretações radiofônicas de personagens, tais como: Tancredo, Coronel Fagundes, Marretinha, Zé Palpiteiro e finalmente o máximo da sua carreira, como o Primo Pobre, do Programa da Rádio Nacional. "O Edifício Balança Mas Não Cai", criação de Max Nunes, Mário Brasini e Paulo Gracindo.

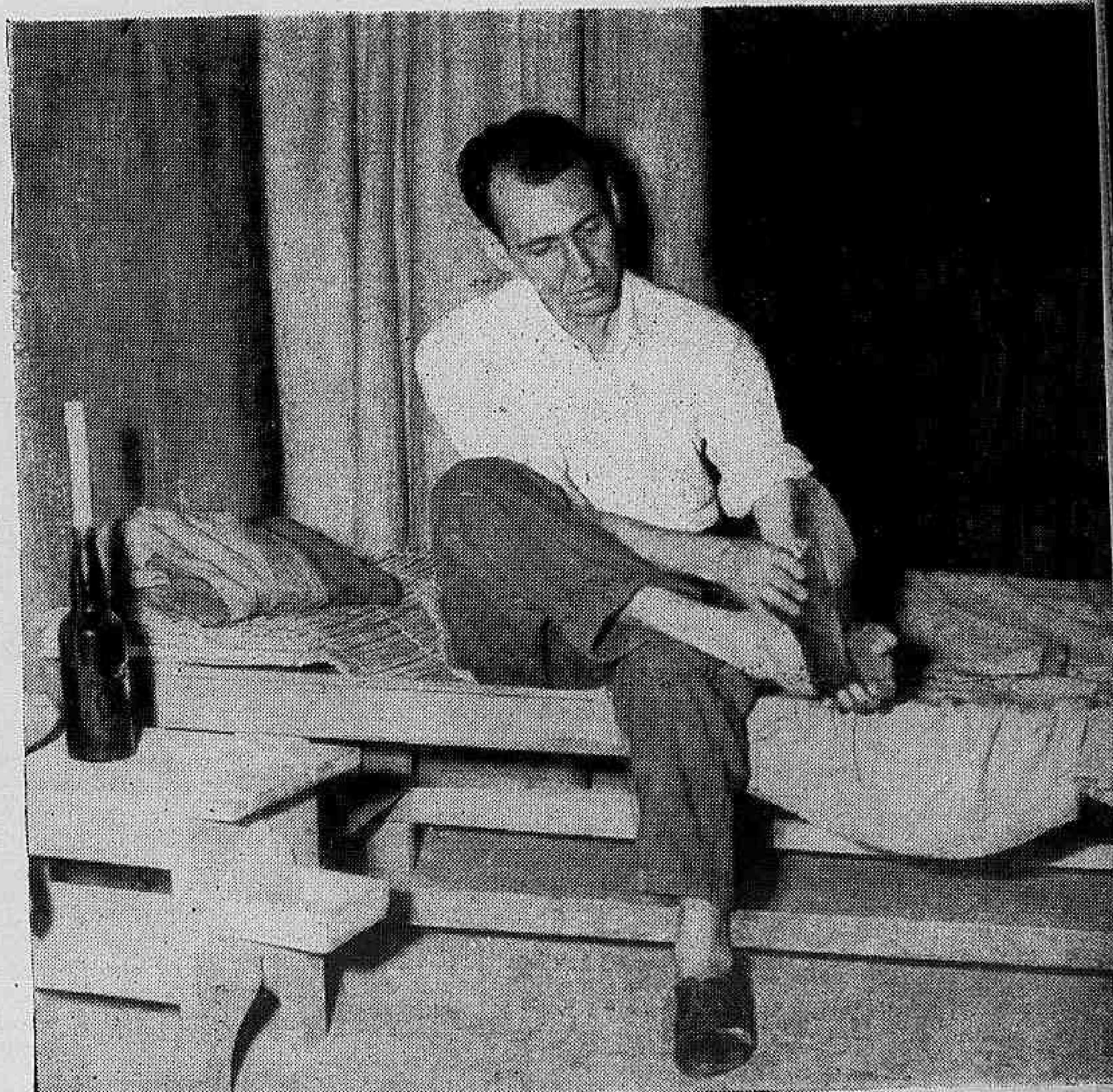
Estando atualmente em fase de realização a rodagem do filme, com o título de "Balança Mas Não Cai", direção do veterano Paulo Wanderley, história de Max Nunes, fotografia de Ruy Santos, e produção da Mauá Filmes tendo a testa, Campiglia, outro veterano do cinema brasileiro.

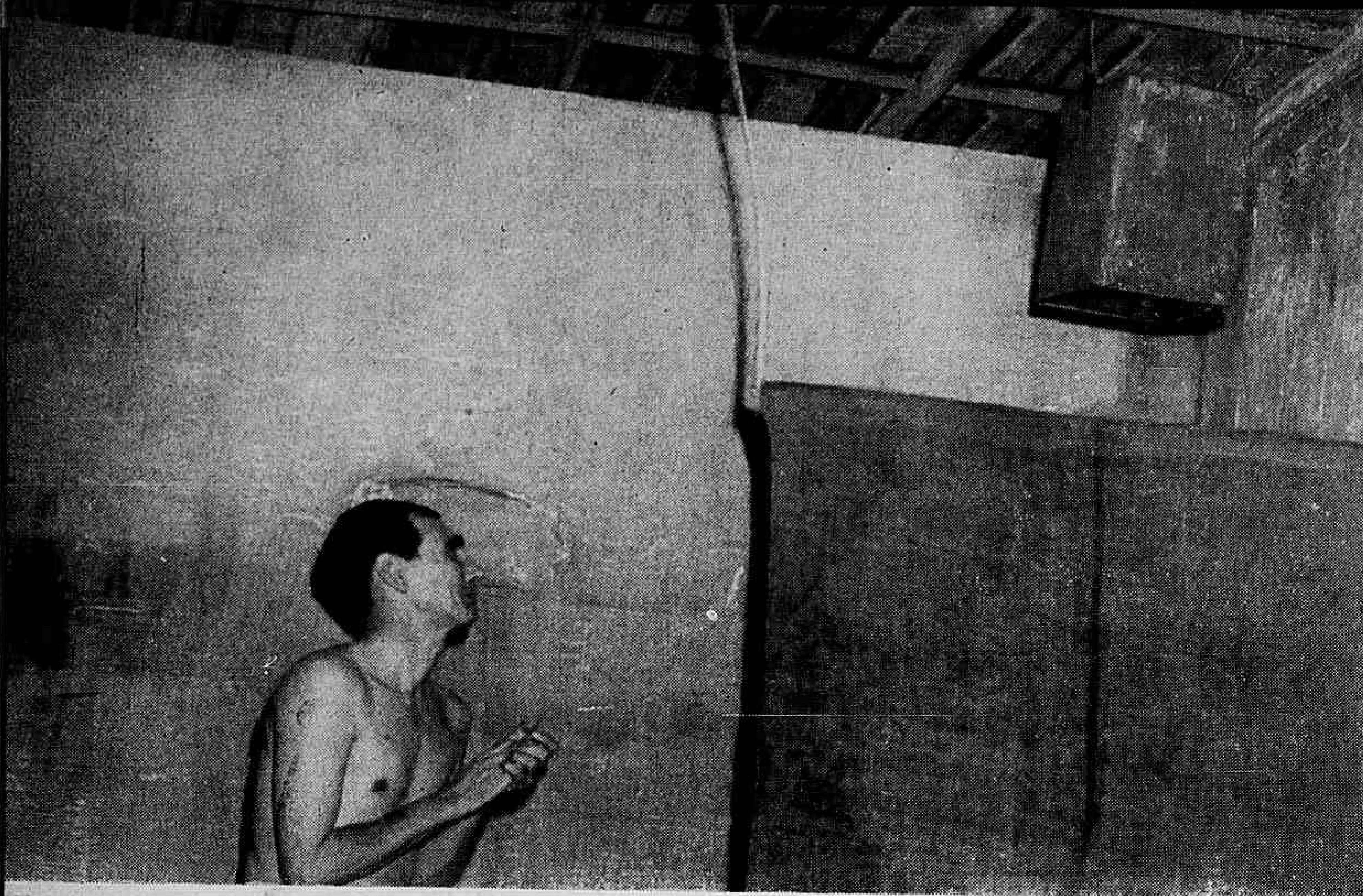
Brandão Filho, vive o personagem real do Primo Pobre, o tipo do homem comum dos nossos

E... o Primo Pobre, acende a sua lâmpada fluorescente para dormir em paz e harmonia com os homens de boa vontade



Quando chegará o dia que eu poderei trocar de sapatos





Pela manhã, uma ducha de lata d'água, para acalmar os nervos

ainda conta em sua vida com uma ilusão, que é a de ser um dia ajudado pelo Primo Rico, e os demais nem êste consôlo têm, ou melhor não têm mais ilusões. A fim de tratar de um dos mais angustiantes problemas do morro, a falta d'água, os moradores locais resolveram eleger o Primo Pobre como candidato a vereador. E êle da sua plataforma política através do "Partido da Lata D'água", promete que sòmente lutará para conquistar o precioso líquido para aquela região. Mas acontece que o seu Primo Rico também candidata-se, do que resultam situações bastante cômicas.

O pai zeloso pelo filho pergunta ao Curuca, se dormiu bem

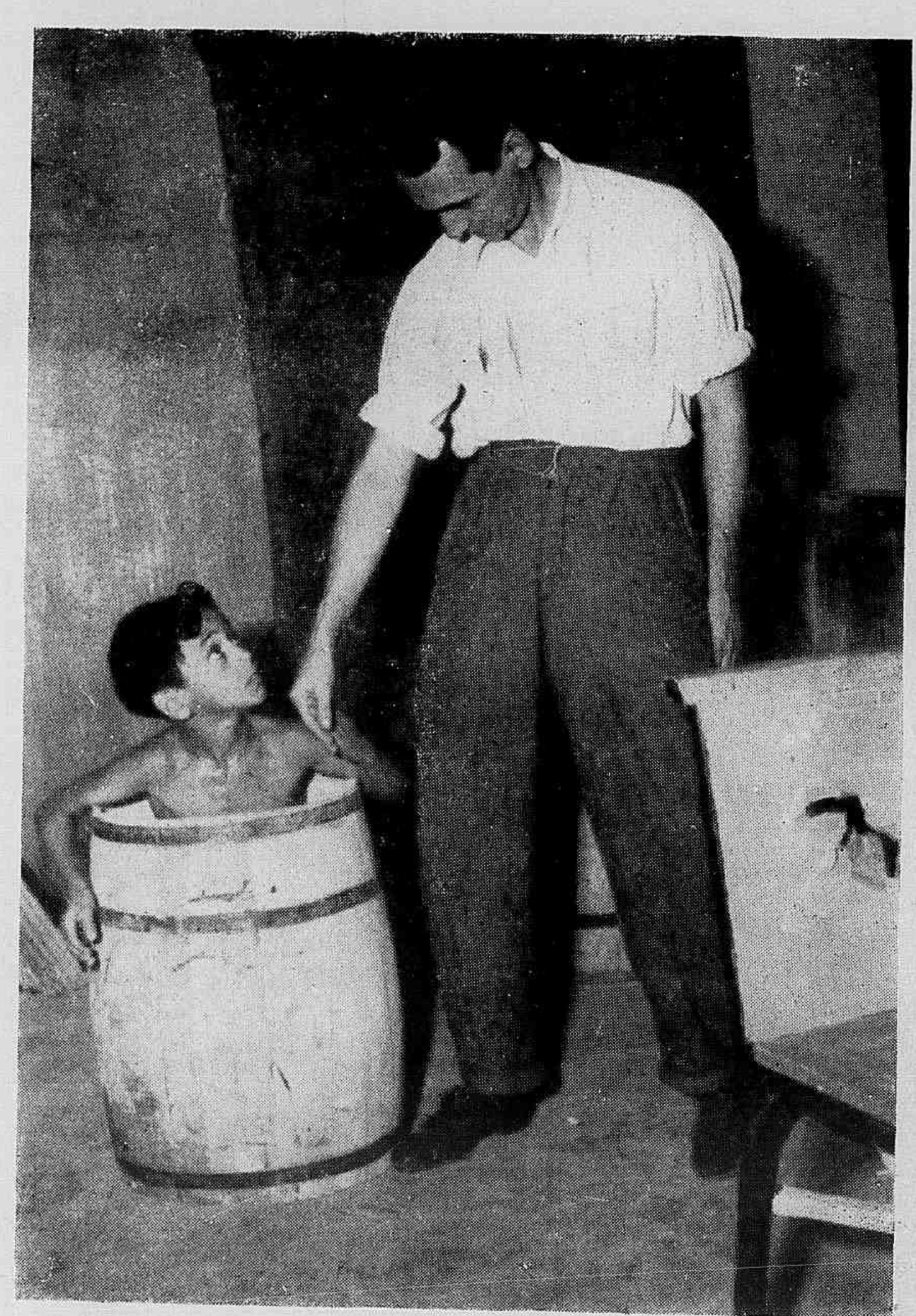


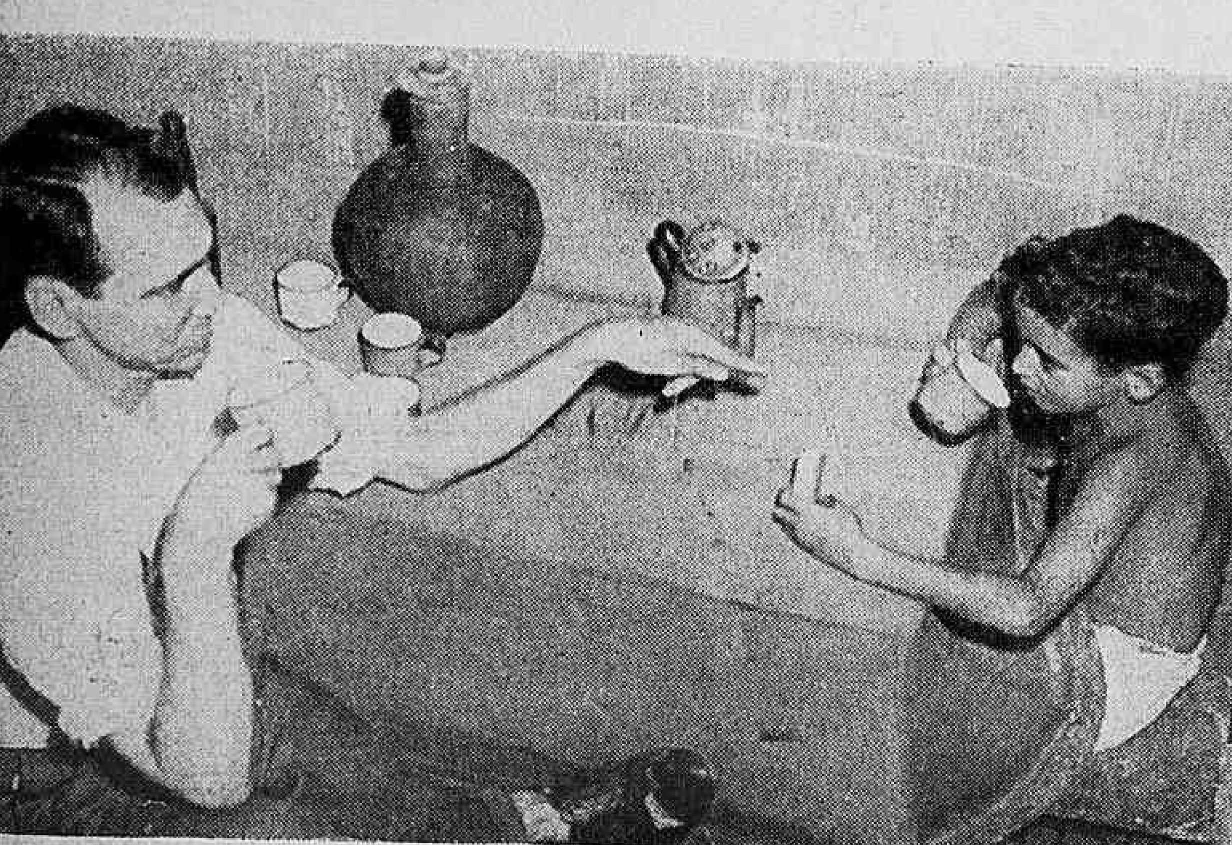
dias, o infeliz, o desajustado do nosso panorama social, pois vivendo numa favela, num casebre êle luta desesperadamente por manter oito filhos, uma mulher e mais uma galinha de estimação (a Ximbica).

Numa dessas manhãs calorentes do Rio, fomos entrar em contato com o Primo Pobre lá no morro da Consolação e Esperança (não me refiro a rancho de carnaval).

Tratava-se não resta a menor dúvida de um retrato que se aplica a milhares de favelados do Rio e do Brasil sendo que êste

Isto faz um bem e é nacional, mas anda tão caro . . .





Curuca, por favor não tome tudo, deixe um pouco para a Ximbica

ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA

LIVIO DANTAS

"TU ÉS MINHA PAIXÃO" (Because You're Mine) — Metro Goldwyn Mayer

Mario Lanza (Renaldo Rossano) é um cantor de ópera que no auge da fama e de sua mocidade é convocado para o serviço militar. Na caserna faz camaradagem com James Whitmore (Sargento Batterson), uma criatura pobre de voz e de espírito. Felizmente que o sargento conhecia bem as limitações de seus dotes vocais e o que êle tem em mira é apresentar sua irmã Doretta Morrow (Bridget) a Mario Lanza para que êste faça uma idéia das qualidades artísticas da moça. Naturalmente que, nesta altura, há o pretexto para que Lanza cante várias canções e trechos de ópera, e Doretta Morrow outras tantas, terminando tudo com o indefectível dueto de vozes e de corações..



Mario Lanza visto pelo caricaturista Al Hischfeld, numa cena do filme «Tu és Minha Paixão», da Metro. À direita, aparece o sargento (James Withmore), e ao fundo Doretta Morrow (à esquerda), que estréia no cinema, e à direita Jeff Dornel, a namorada do sargento

Alida Valli e Pedro Armendariz, em «Amantes de Toledo»

Prognóstico: O filme agradará aos fãs de Mario Lanza e aos admiradores de seus dós de peito. Produção em tecnicolor de Joe Pasternak.

"LES AMANTS DE TOLÈDE" (Os Amantes de Toledo) — EGE Lux Films — França

"Les Amants de Tolède" (a princípio chamado também "Le Coffre et Le Revenant") é a história de uma jovem que se vê obrigada a casar-se com o chefe policial, autoritário e cruel, para pôr a salvo o homem que ela adora, um jovem rebelde perseguido pela polícia. Prêso, consegue evadir-se, tentando fugir com Ines, mas a aventura termina tràgicamente, tanto para os enamorados como para o tirano.

O argumento foi extraído de um conto de vinte páginas escrito por Stendhal em 1829 e publicado em maio de 1830 na "Revue de Paris".

Direção de Henry Decoin, com Alida Valli, Pedro Armendariz e Françoise Arnoul.

Prognóstico: Drama passional em tôda a fôrça da expressão. Conseguirá agradar sobretudo pela presença de dois excelentes atores como Valli e Armendariz.

"THE CRIMSON PIRATE" — Warner Bros.

Êste filme será digno de atenção muito mais pelas acrobacias de Burt Lancaster que pelo enrêdo em si. Burt poderia ser até um trapezista de circo, tantas são as suas piruêtas pelos mastros de um navio. A maior parte da história tem lugar a bordo de um veleiro, terminando na Espanha. Como pirata, Burt Lancaster está sempre fugindo dos homens do Rei e é por isso que o veremos durante todo tempo galgando as cordas e os mastros do navio...

Prognóstico: Filme de aventuras em que estão se celebrizando tanto o ator do filme, Burt Lancaster, como seu diretor, Robert Siodmak. Terá seu público garantido.



Outra cena do filme da Metro, com Mario Lanza e Doretta Morrow



Ida Lupino e Robert Ryan numa cena dramática de «Escravo de Si Mesmo»

TELAS DA

JOÃO GANGORRA

A nova obra de Alberto Pieralisi só serve para corroborar o que as outras realizações nacionais (sobretudo as dos grandes estúdios) insinuaram: o cinema nacional está **neste** nível e **neste** estado, sòmente porque não está sendo conduzido por aquêles que o deviam conduzir. (A argumentação sôbre o assunto se evidenciará com o correr dêste comentário).

O filme tem todos os fatôres potenciais para ser uma obra razoável. O original, baseado na peça de Raimundo Magalhães Júnior — «Essa Mulher é Minha» — que, além de engraçada, tem uma série de conceituações satíricas e irônicas. Mas o italiano Pieralisi, que foi o adaptador e cenarista, não só deixou de aproveitar cinematogràficamente os bons lances potenciais da obra mas deixou, inclusive, de aproveitar a razoável estrutura arquitetônica teatral da peça, qu nas mãos de um realizador de talento bastaria, sòzinha, para se converter numa boa comédia cinematográfica.

Entretanto, Pieralisi (que aqui não teve um Tonti para ampará-lo) construiu uma obra típica mas pèssimamente teatral e sem aproveitar a antesaludida armação de Magalhães Júnior. Da obra original resta somente a trama, — a matéria-prima — mas falta tudo: desde um ordenado manuseio com êstes ingredientes, que resulta em boas situações, até o manuseio com as situações que resulta na estrutura total da obra, incluindo-se nisto um péssimo tratamento dado aos personagens.

Não bastando estas deficiências literárias e de essência, a obra, cinematogràficamente, é um horror. Autor igualmente da decupagem (roteiro planificado), Pieralisi revelou-se um péssimo roteirista: planos excessivamente longos, chatos e maçantes, pulos absurdos nos planos de um «take» para o outro e uma indesculpável e incrível descontinuidade na continuidade, coisa aliás de responsabilidade da (ou do) «script-girl» (ou «boy»), que parece que não houve. Conduzindo pèssimamente os atores, Pieralisi criou personagens diluidos, sem obedecer uma linha de composição, sem sequer se transformarem em tipos e esquemas que numa obra despretensiosa como esta seria desculpável. Sòmente um grande ator como Jaime Barcelos con segue criar, à base de sua inteligência e de seu talento, um personagem uniforme, coeso e lógico. João Gangorra, vivido na tela por Walter Dávila (e maravilhosamente no palco pelo grande Procópio) mantém-se dentro do plano incongruente dos outros personagens. Não é puro, não é ingênuo, não é corajoso, não é honesto, não é sórdido, não é Cantinflas, não é Chaplin (como Pieralisi e Dávila quiseram, por momentos, copiar), não é o caboclo inteligente e sagaz, enfim não é nada. Graça Melo, nem de longe

(Cont. na pág. 34)

ESCRAVO de SI MESMO

(BEWARE, MY LOVELY)

Com a mesma excelente dupla de atores, Robert Ryan e Ida Lupino já tivemos no ano passado uma razoável película "Cinzas que Queimam" valorizada pela partitura musical de Bernard Herman. Da mesma produtora de Ida Lupino, temos agora êste "Beware, My Lovely".

O antigo desenhista de produção (pessoa que tendo o roteiro cinematográfico a mão, desenha todos os "takes", influindo desta forma não sòmente na enquadração, angulação e iluminação — fotografia — mas na própria enquadração gramátical do filme), Harry Horner completando uma lógica evolução, estréia na direção com esta boa realização e em cujos méritos formais encontramos as raizes de seu antigo "metier": composição dos takes funcionalissima com a valorização psicológica e emocional, portanto dramática, dos planos dentro do shot, movimentação de camera obedecendo também a êste cuidado de enquadração e, conseqüentemente, a construção da obra dentro dos principios puristas da sintaxe do cinema mudo — apriorismo pela Imagem. E valorização da Imagem, significa para Horner, o aproveitamento máximo de uma série de recursos visuais, (fusões, por exemplo) e, sobretudo, a utilização do diálogo sòmente como acessório, dando margem a que se utilize ao máximo o silêncio das falas como grifo antitético, das explosões verbais da loucura de Robert Ryan, ou das frases desorientadas de Ida Lupino. Inteligentemente procurou Horner no compositor Leith Stevens uma partitura que não fôsse "funcional", e assim desaparecesse no todo da obra, colaborando sòmente para a criação inconsciente da atmosfera e tensão, mas que fôsse efetivamente contraponteada à ação. Assim, a partitura musical é quase que

(Cont. na pág. 34)



Esther Williams e Bany Sullivan numa cena de amor em «Eva da Marinha»

EVA NA MARINHA

(SHIPS, AHOY !)

Sôbre o filme:

Ainda falam dos abacaxis musicais brasileiros! Ora, ora meus fãs de Esther Williams, futuras mães e futuros pais, futuros cidadões de um mundo melhor ou pior do que êste, péssimo, em que vivemos, se vocês deixassem de esbugalhar os olhos para a tecnicolorida tela, se vocês deixassem de se babar nos miolos e na bôca, se vocês em vez de decorar letras de foxes soubessem de fato o idioma inglês, veriam quanta burrice, quanta cretinice, quanta estupidez aflora de filmes como êste. A mesma inexistência de argumento típica de nossos ananazes de pior categoria, a mesma pieguice no armar as situações, a mesma ausência de consideração pela condição humana dos personagens caricaturados, a mesma canastrice absoluta e integral dos intérpretes, a mesma falta da mais microscópica «perninha-de-um-atômo» de bom-gôsto, a mesma **tudo** dos piores abortos cinematográficos nativos, surge aqui, camuflada por um tecnicolor, pelas imensas possibilidades materiais dos estúdios americanos (e diga-se, mal aproveitadas) e aceita graças a cegueira viciada e morfinizada de nossas platéias juvenis e adultas (distinção aliás, sòmente cronológica).

Não há nada neste filme, como filme. Desperdício de Billy Eckstine e de um bom quinteto de cantoras, péssimos números musicais e aquêle absurdo monumental que é compensar a ausência total de talento em Esther Williams com suas exibições de natação que sòmente nos lembram mais fortemente que seria tão bom dar um mergulho naquela verde água clorada em vez de ser obrigado a assistir a estas besteiras... Considerações sôbre o estilo e a graça de Esther no nadar caberiam sòmente a uma coluna esportiva.

(Cont. na pág. 34)



Outra cena de pânico de «Escravo de Si Mesmo»

CIDADE

ALBERTO DINES



Walter D'Avila e Graça Melo, em «João Gangorra»



Alec Guiness vivendo Holland, em «Mistério da Tôrre»

O MISTÉRIO DA TÔRRE

("THE CAVENDER HILL NOB")

Francamente, êste recente dilúvio de maravilhosos filmes vindos da Inglaterra e o entusiasmo que êles constantemente provocam na gente, nos põe agora em situação de ter pouco a dizer. Sobretudo, dada a proximidade da maravilhosa sátira «As Oito Vítimas», que em muito se assemelha à presente obra, e a perfeição das duas em seu acabamento como obra, ficamos tolhidos na nossa já habitual euforia e conseqüentemente tolhidos em extensão de análise.

Apesar da citada semelhança entre as duas obras (a primeira de Robert Hammer e esta de Charles Crichton, um dos realizadores de «Solidão da Noite»), ela se localiza sòmente no conceber, no realizar e no acabar a obra. Diferenciam-se, todavia, no abordar os temas. Permanecem intactas, entretanto, a mesma sutileza, a mesma finura, a mesma inteligência e acima de tudo a mesma segurança.

Se em «As Oito Vítimas» era retratada e ironizada a decadente aristocracia britânica, aqui em «The Lavander Hill Mob» o superproblema se localiza na pequena burguesia, com a sua vida cinzenta, igual, triste, cheia de sonhos e conseqüentes frustrações (maravilhosas aquelas tomadas da massa atravessando todo e todos os dias a ponte sôbre o Tâmisa). Se antes podia-se rir despreocupadamente das diabólicas maquinações daquele jovem que odiava os aristocratas mas era um aristocrata, aqui, dada a tristeza da vida pequeno-burguesa, dada a falta de saídas para a sua situação, a história, além de fazer rir cala um pouco mais, dada a condição burguesa (pequena, média ou alta, mas sempre burguesa), de todos nós.

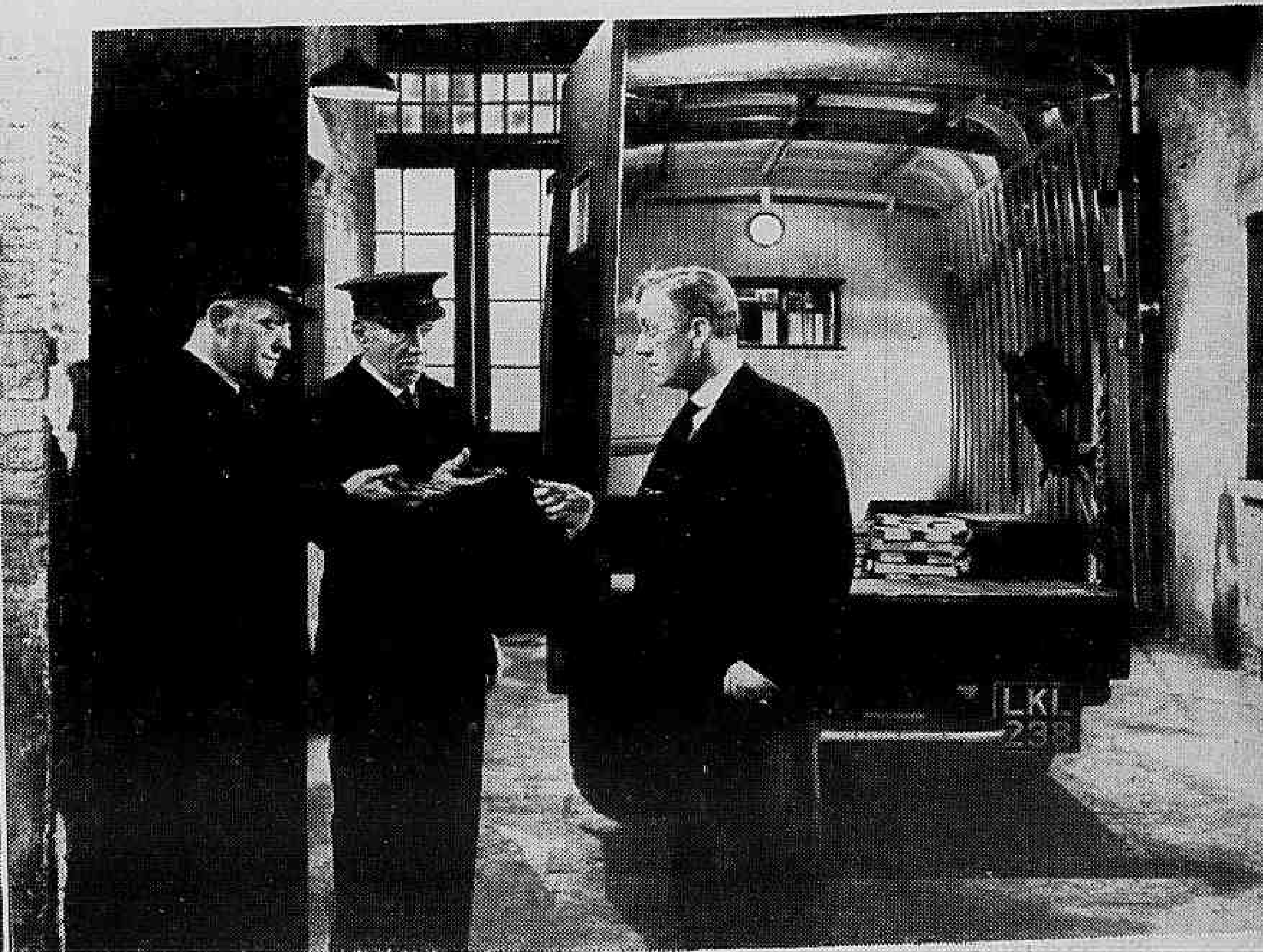
De resto, há a ressaltar igualmente como diferença o caráter mais **cinematográfico** desta obra de Crichton em relação à obra de Hammer. Se neste há um primor de ausência de **cinema**, naquele (o que agora analisamos), nota-se um primor de presença de **cinema**, com cortes, ângulos, ritmo, fusões mais elaborados, mas tudo britânicamente bem dosado e perfeito.

Se em «As Oito Vítimas» o processo de humorismo é mais cerebral, mais intelectual e mesmo mais aristocrático e fino, aqui em «O Mistério da Tôrre» êle é mais de ação, é mais plástico, mais **cinematográfico**, numa inteligente coerência com o tratamento mais **cinematográfico** da obra e da condição burguesa e mais igual do tema.

Nas duas obras, entretanto, há um grandioso denominador comum: o desempenho de Alec Guiness, algo que fica muito além das classificações adjetivas corriqueiras.

Só isto. E' melhor não falar, do que tratar apressada e levianamente uma bela obra.





Duas cenas do filme inglês: à esquerda Alec Guiness, Alfie Bass e Sidney James, e à direita, Alec Guiness e as célebres barras de ouro

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

Alex Vianny, anda louco da vida para fazer um estouro na praça.

★

Renato Murce pretende dirigir filmes de cinema do Brasil e não adianta dizer que será uma cópia em papel carbono de José Carlos Burle.

★

Humberto Mauro, em vista do sucesso que vem obtendo com o "Canto da Saudade", pretende realizar ainda êste ano mais duas películas.

★

A situação não está lá muito boa pelos Estúdios Cariocas, pois com exceção da Atlântida, os demais estão de portas fechadas.

★

Realmente foi muito reduzida a "fauna" cinematográfica que compareceu ao "coktail" oferecido por Santa Rosa a classe intelectual carioca, no Vermelinho, dia 31.

★

Moacir Fenelon anda dizendo a todo o mundo que a produção indígena durante o ano de 1952, foi de 46 filmes. Pedimos uma relação completa a fim de publicá-la. Será possível, "seu" Moacir?

★

No Beco do Inferno, disseram que Mário Civelli tinha chegado as pressas ao Rio, para contratar uma grande estrêla para o seu próximo filme.



Marlene a festejada revelação do teatro de 52, numa cena do filme «Balança mas não cai», da Mauá Filmes

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

NÚMEROS SIGNIFICATIVOS: — Há duas semanas atrás foi visitado o Presidente da República por uma comissão de pessoas ligadas à indústria nacional de cinema e ramos correlatos, que lhe foram levar uma mensagem de Ano Novo. Depois de lida a mensagem, pôs-se o Presidente a auscultar a opinião dos produtores em relação aos problemas que asfixiam a indústria. Nesta conversação o Sindicato de Produtores informou que em 1952 foram produzidos cerca de **43 filmes.** O movimento de bilheteria foi de **100 milhões** de cruzeiros cabendo disto ao produtor, **40 milhões.**

FESTIVAL QUE SE ARMA: Em surdina reuniu-se a comissão organizada pelo Itamarati que deverá organizar o I Festival Internacional de Cinema a ser realizado no Brasil em fevereiro-março de 1954. Na secretaria desta comissão está o cônsul Vinicius de Morais, velho crítico e teórico de cinema (e que um dia ainda esperamos ver dirigindo e escrevendo para cinema). Fazendo parte desta comissão temos igualmente Joaquim Menezes, presidente da ABCC e Dr. Pedro Gouveia diretor do silencioso I.N.C.E. Fortificaram-se ùltimamente as esperanças para a realização dêste festival, com a mensagem enviada pelo Presidente da República ao Congresso recomendando a cessão de uma verba de 10 milhões de cruzeiros para o Festival.

FILMAGEM REATADA!: — O produtor italiano Campiglia parece que já conseguiu um dinheirinho com o Severiano Ribeiro para poder continuar as interrompidas filmagens de "Balança mas não cai", dirigida por Paulo Wanderley. O absurdo disto tudo (e isto precisa ser difundido aos quatro ventos) é que Campiglia começou o filme sem ter coberto financeiramente nem metade do orçamento. O resultado é que pararam logo na primeira semana de filmagens, deixando calamitosamente uma dezena de técnicos e atores em penosa situação. **Recado para o Departamento de Imigração: Estas coisas precisam acabar!**

GRANDES VÔOS: — Viajantes vindos de São Paulo nos informam que Civelli o produtor de Multi Filmes continua revolucionando o cinema em São Paulo. É de quarenta o número de histórias já compradas e de 250 o número de pessoas contratadas. Fazemos votos que tudo continue sendo de **boa qualidade** como no início.



O estreante Ankito contracenando com a já veterana Adelaide Chiozzo num still do filme «Pegando Fogo»

O RETRATO DE VITTORIO GASSMAN

JAMES ARTHUR

Vittorio Gassman, o novo Romeu de Hollywood é alto — 1,92 m. Possui olhos castanhos-escuros, feições fotogênicamente angulosas e uma compleição robusta. A maioria de seus filmes italianos tirou proveito do fato, mostrando-o nu da cintura para cima. Seu primeiro filme para a M-G-M, "Mexico dos Meus Amôres", rodado no próprio Mexico mostra-o ainda mais resumido nos trajes. Em sua grande cena de amor com Yvonne De Carlo, Vittorio aparece à Tarzan.

Gassman muito tem feito e visto em sua vida. O jovem ator apareceu em 93 produções nos palcos da Itália, inclusive em clássicos como "Romeu e Julieta", "O Fantasma" e Peer Gynt, desde que terminou seu curso na Academia de Artes Dramáticas de Roma em 1943 e fêz sua estréia no palco em Milão. Desde 1946 já fêz 20 filmes, também, inclusive dois na Espanha e no Egito.

Não faz muito fêz uma "tournée" pela América do Sul, durante cinco meses, com sua própria companhia, da qual é produtor, diretor e ator principal. Regressará à Itália muito breve a fim de apresentar uma série de quatro peças em Roma com sua mesma companhia, estreando com "Hamlet".

Gassman tem sido convidado a fazer dupla com sua espôsa, Shelley Winters, em filmes no estrangeiro. Êle e Shelley gostariam de trabalhar juntos. Vittorio diz que cada um possui qualidades diferentes na atuação, defeitos e pontos de vista diferentes com relação à arte de representar. Discutem tôda fita e peça que assistem. Sempre discordam sôbre a mesma, como sôbre muitas coisas. O que êle diz ser bom.

Descreve sua espôsa como uma atriz instintiva. Dá menos importância à técnica e ao método, mais à natureza e à aproximação realística. Êle diz que ela é uma atriz mais generosa, entregando-se emocionalmente a um papel. Êle aplica uma técnica mais estilizada, oriunda de sua especialização no teatro clássico.

Êle está desenvolvendo cada vez mais seu gôsto pelos filmes, mas mesmo assim continua a olhar o teatro como seu primeiro amor. Foi por isso que insistiu ser-lhe dada uma licença de seis meses, todo ano, para representar na Itália, antes de assinar contrato com a M-G-M. Mas seu grande desejo e ambição é escrever. Foi o autor de um livro editado de poesia na Itália quando tinha apenas dezenove anos de idade. Escreveu também uma novela e vários artigos para revistas, e atualmente está trabalhando num romance.





Jeff Chandler no papel de «Cochise»

CINE-ROMANCE

A REVOLTA dos PELES-VERMELHAS

(The Battle at Apache Pass)
Em TECNICOLOR
da UNIVERSAL INTERNATIONAL
Argumento e guia de
GERALD DRAYSON ADAMS
Dirigida por
GEORGE SHERMAN
Produzida por
LEONARD GOLDSTEIN

ELENCO

Comandante Jim Colton. **John Lund**
Cochise .. .. **Jeff Chandler**
Nona .... **Susan Cabot**
Neil Baylor .... **Bruce Cowling**
Mary Kearny .... **Beverly Tyler**
O Tenente Bascon ..... **John Hudson**
O Sargento Bernard .. **Richard Egan**

Tempo: 85 minutos

Graças às relações de amizade existentes entre o comandante Jim Colton (JOHN LUND) e o chefe dos índios apaches, Cochise (JEFF CHANDLER), a paz reina no território que tem sob seu comando militar. Outro cacique índio, chamado Jerônimo (JAY SILVERHEELS), desconhecendo o pacto selado entre ambos, ataca um pequeno grupo de colonos brancos. Mata a maioria dêles e foge levando prisioneira a linda professôra Mary (BEVERLY TYLER).

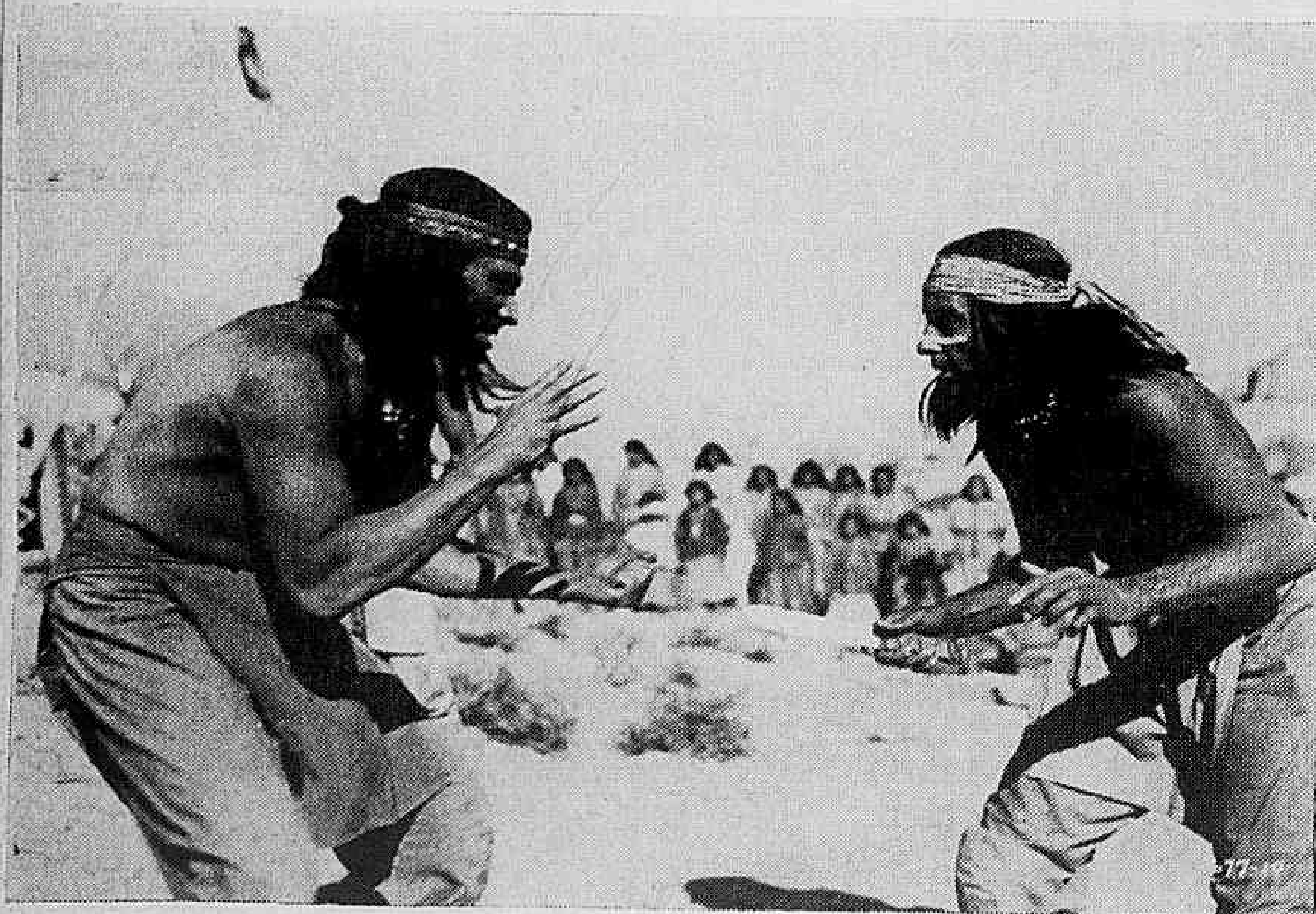
O govêrno de Washington envia ao forte Buchanan, que é comandado por Colton, Neil Baylor (BRUCE COWLING) na qualidade de assistente sôbre assuntos indígenas. Êste último que é um sujeito ambicioso e sem escrúpulos cujos planos consistem em expulsar os apaches de suas terras, chega acompanhado do Tenente George Bascom (JOHN HUDSON) e de Mescal Jack (JACK ELAM), um criminoso, familiarizado com a vida e costumes dos índios que lhe serve de guia e intérprete com os peles-vermelhas. O recém-chegado, disposto a provocar um choque acusa Cochise do acontecido e, ameaça expulsá-lo de suas terras juntamente com a tribo se não lhe devolver a mulher sequestrada e entregar os culpados do sucedido.

Cochise nega ter tido alguma intervenção no assalto e sabedor de de Jerônimo é o culpado vai à sua procura para libertar a prisioneira. O índio que capturou Mary nega-se a devolvê-la e luta com Cochise, o qual depois de matá-lo leva a jovem para sua tenda. A presença da branca desperta ciúmes em Nona (SUSAN CABOT), espôsa de Cochise, que espera um filho, mas êstes se dissipam quando êle explica que na manhã seguinte entregará a prisioneira à Colton. Cochise vai ao forte e entrega a professôra ao comandante aproveitando a ocasião para que o médico militar do destacamento lhe trate as feridas recebidas durante a luta.

Mescal Jack, seguindo as ordens de Baylor, se entrevista com Jerônimo e lhe oferece armas, em troca de que provoque um novo incidente sangrento para inimizar Colton com Cochise. Desta vez, levando um menino como refém. Novamente Cochise é acusado da matança e quando Colton sai para investigar a verdade, o tenente Bascom, instigado por Baylor, abandona o forte com seus homens para preparar uma cilada para Cochise. O índio escapa, mas Bascom retém como prisioneiros Nona, o irmão de Cochise e outro de sua tribo. Quando o chefe pele-vermelha regressa à frente dos seus, Bascom lhe devolve Nona, mas ordena que enforquem os demais prisioneiros e começa o combate. Sòmente a chegada de um destacamento de tropas salva os militares da morte. Quando regressa ao forte, Colton encarcera Bascom e Baylor.

Cochise faz as pazes com Jerônimo e ambos, seguidos de seus guerreiros

(Cont. na pág. 34)



Uma cena de combate entre Jeff Chandler (Cochise) e Jay Silverheels (Jerônimo)



Jeff Chandler (Cochise) e Susan Cabot (Nona) numa cena de amor



Na «previw» para a imprensa de «The Stooge», Dean Martin e Jerry Lewis serviram de anfitriães aos jornalistas presentes, fazendo no meio da platéia do «Academy Award Theatre». O fotógrafo de «A CENA» focalizou aqui a famosa dupla cômica com as respectivas «cara-metades», pouco antes de entrarem no cinema para assistirem ao novo filme da Paramount que constitui o maior sucesso de Martin & Lewis

CINE-MUNDIAL

ESTADOS UNIDOS

Frank Lovejoy será o «leading-man» do filme «The System» cuja parte feminina ficará a cargo da cantora da Ópera de San Francisco, Joan Feldom.

★

A estréia de um filme em três dimensões pelo sistema do cinerama, em uma casa de exibição da Broadway, causou uma pavorosa impressão nos espectadores. A impressão geral era que se estava no recinto do Juízo Final...

★

O próximo filme de Viveca Lindfors será rodado na Europa e terá como título «The Heart is An Auctioner» cuja história foi especialmente adquirida para ela por seu marido Don Siegal.

★

Pilotando seu próprio avião, Robert Taylor está empreendendo uma campanha de propaganda pelo interior dos Estados Unidos de seu filme «Above and Beyond» considerado o melhor desempenho de sua carreira.

★

«The Joe Louis Story» é o filme que contará a vida do famoso boxeador negro. Para viver a sua figura na tela foi escolhido o jovem ator Coley Wallace.

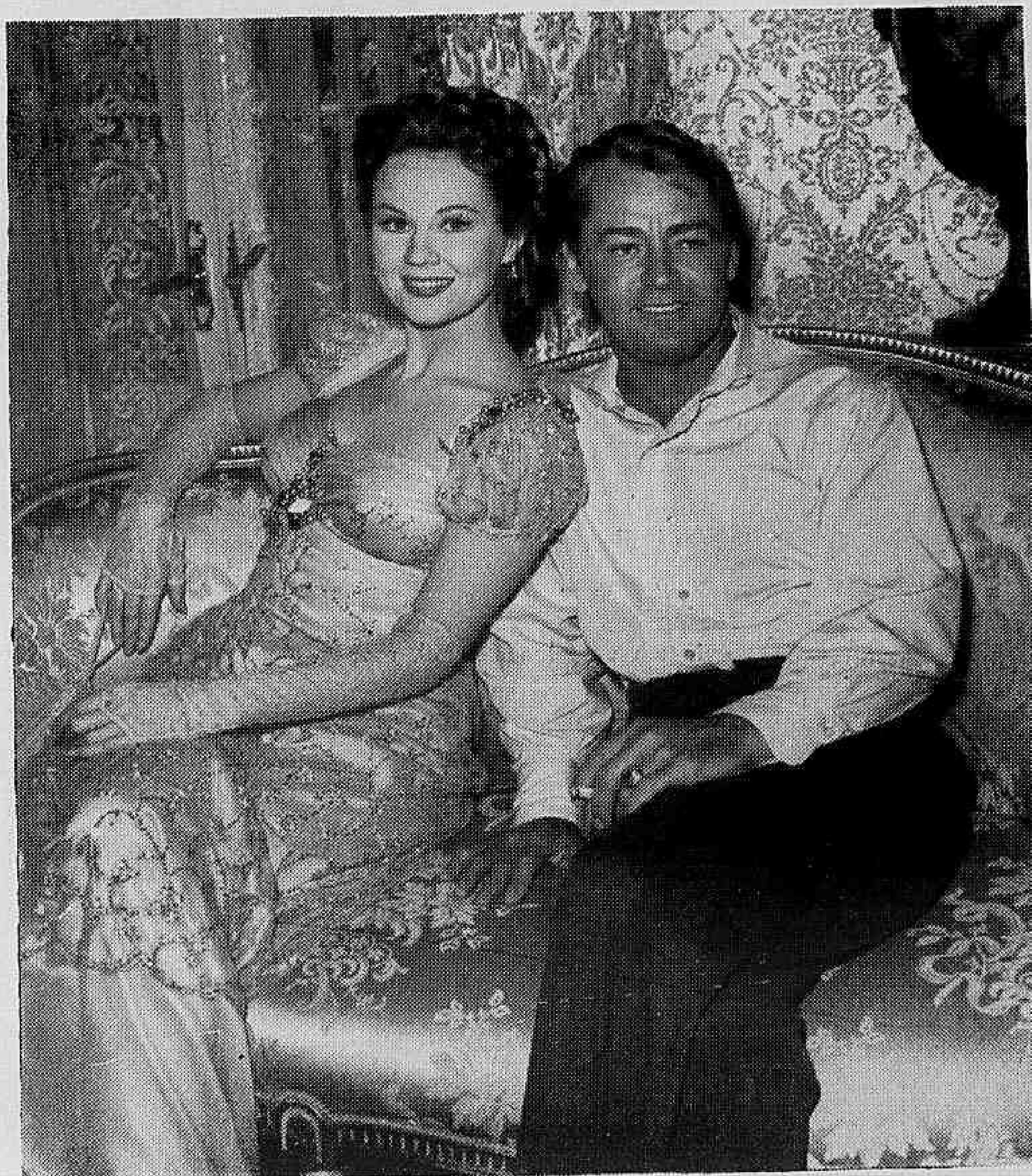
★

Para mostrar como é impecável o trabalho da veterana estrêla Talullah Bankhead no papel de uma jovem e trêfega dona de casa, em seu último filme, o diretor George Cukor exclamou: «... mas essa é Debbie Reynolds !»

★

O vício de fumar está de tal maneira integrado nos costumes da mulher americana que John Wayne anunciou não querer mais continuar com êsse hábito tão feminino...

(Cont. na pág. 34)



Virginia Mayo e Allan Ladd descançam no «set» de «The Iron Mistress», na Warner, enquanto aguardam a ordem do diretor para entrarem em cena para uma das violências de amor do famoso romance



Um casal feliz... Êle e a espôsa de hoje

DUAS MULHERES É DEMAIS

(Due Mogli sono Troppe)
com LEA PADOVANI, SALLY ANN HOWES, GRIFFITH JONES, ADA DONDINI e KIERON MOORE

★

Uma apresentação da Art Films.
Dados técnicos: Argumento de Suso Cechi D'Amico e Antonio Pietrangeli; Cenarização de Suso Cecchi D'Amico, Mario Camerini, Franco Brusati e Noel Langley; Diretor de Producão, Ermano Donati; Operador, Otello Martelli; Montagem de Adriana Novelli; Música de Nino Rota.
Direção de MARIO CAMERINI

Hoje é dia de festa em casa de Fry; estão celebrando nada mais nem menos que um casamento. Os recém-casados aparecem alegres e satisfeitos — coisa muito natural nesses dias. Ela é Katherine Wilkes, Kathy para os amigos íntimos, e caminha com o clássico sorriso precursor de lágrimas, muito comum também nas espôsas enamoradas, e é levada pelo braço por seu velho pai, o pastor Wilkes, que está orgulhosíssimo. Seu olhar não se desvia um instante de David Fry, que sempre está encantador diante de seus olhos, assim como quando trajava o uniforme de tenente durante a estada na Itália no tempo da guerra. Justamente a Itália é que êles escolhem para a lua de mel. A Itália ! Magnífico ! Kathy não cabia em si de tanto contentamento, porém lembrou-se de Poppi !!!

Êste assunto de Poppi del Sangro era uma mania de David: Durante a guerra êle havia conhecido aquêle povoado e havia deixado ali uma fama de herói que ainda durava, especialmente na casa da família Maggini, camponeses que viam folgozamente. Haviam acolhido o rapaz como um filho e esta famosa localidade de Poppi havia ficado em sua mente como um pedaço do paraíso, muito indicado e conveniente para uma lua de mel. Se David se interessasse pelo Saara, ela, para satisfazer seus desejos, aceitaria com imenso prazer.

Começa então a viagem aventurada. O trajeto de Londres à Roma é movimentado, porém, isto não é nada em comparação ao percurso entre Roma e Poppi. Aparecem vários incidentes cômicos dramáticos segundo o ângulo visual. Tudo o que pode aparecer em uma viagem ferroviária. No hotel há sòmente um aposento livre e trava-se um alvoroço geral. Ali se misturam camponeses, heróis de guerra e, para finalizar, um idiota. Sòmente isto bastaria para perder a calma a mais delicada espôsa do mundo, porém Kathy está muito enamorada e, no dia seguinte, tudo fica no esquecimento. Chegamos afinal na terra prometida do tenente Fry: — «Esta é Poppi, aquela é a casa dos Maggini. Pessoas muito simpticas e você Kathy verá então o quanto êles adoram o seu querido David».

Verdadeiramente lhe querem tanto que logo assim que mamãe Pia toma conhecimento da presença do rapaz com sua jovem espôsa vem recebê-lo com uma chuva de bofetões.

— «Sem-vergonha ! Depois de haver abandonado a pobre Rosita com um filhinho que hoje tem quatro anos ainda se atreve a aparecer com outra mulher. E pensar que batizamos o pequeno com o nome de Churchil em honra do pai !»

Depois disto é bastante fácil de se imaginar a cena seguinte: David está assombrado. Rosita Maggini não está em Poppi nesse dia e, portanto, não pode ter lugar a explicação que o jovem deseja.

O pobrezinho jura não saber de nada, porém o destino ainda não está satisfeito com a armadilha preparada para o rapaz que apenas buscava um lugar sossegado para passar uma lua de mel. Aqui mesmo, nos campos que rodeiam Poppi, é que explodem minas mais poderosas que as da guerra. Quem são os responsáveis? Claro ! Kathy e David ! Não resta dúvida: tudo parece comprovar que os responsáveis são os dois jovens. Isto significa a prisão.

Também a paciência de uma recém-casada apaixonada tem seus limites: não sòmente Katherine se encontra agora no cárcere com a acusação de haver colocado minas nos terrenos de Poppi, como também seu marido, segundo parece está casado com uma italiana e tem um filhinho.

Finalmente Rosita volta ao povoado. Primeiramente as coisas se complicam mais, porém David está resolvido a esclarecer a situação para salvar a felicidade conjugal e intimida com perguntas a jovem pequena que mais tarde confessa ser o pai da criança um ex-combatente de nome Roque. Rosita, como necessitasse de um argumento para o nascimento do filho, acusou o tenente que no momento já estava ausente, e pensando que os ausentes, como diz o ditado, nunca têm razão.

A questão das mulheres já estava esclarecida, porém o inquérito sôbre as minas ainda estava vigorando.

A guerra havia destruído as terras e as tornado também incultiváveis e, desde então, um estouro como o das minas trazia para os camponeses uma situação de pânico.

O destino finalmente já estava farto de diversão com os recém-casados e dava-lhes a oportunidade de tornarem tudo azul com bolinhas côr-de-rosa. A explosão das minas havia sido providencial. Assim, o rio começou a correr novamente sôbre os terrenos antigos e fertilizando outra vez as terras. O final alegre está chegando a passos largos. Em vista da questão da paternidade, Roque se decide a casar com Rosita verificando então que é uma pequena muito boazinha e que o menino era demasiado esperto.

Neste momento Kathy e David se tornam ídolos do povo. Katherine olha para David transbordando de alegria e David fixa o olhar em Katherine cheio de felicidade. Felizmente ficam como de início.

Segundo Katherine, o pequeno Churchill arranca os carinhos do jovem casal mas, a lua de mel dos Fry, deve começar imediatamente e com maior seriedade. E os dois recém-casados deixam Poppi del Sangro sem saudades, em busca de um paraíso de amor mais convencional, menos original que Poppi mas muito mais seguro: Veneza.

Para surprêsa de todos apareceu mais uma espôsa



Projetaram uma lua de mel, mas...



Seria mesmo a espôsa de ontem?





No dia do aniversário de Darryl Zanuck, foi oferecido um banquete no «Ciro's» durante o qual nossa objetiva surpreendeu o jovem ator Craig Hill conversando com Susan Zanuck, filha do produtor, enquanto que Clifton Webb faz uma pose «à la Belvedere»...

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O que se diz e o que se ouve na meca do Cinema

Elizabeth Taylor deu à luz um robusto menino, através de operação cesariana realizada pelo Dr. M. A. Aaberg no Santa Monica Hospital. E' o primeiro filho da encantadora «estrelinha» da Metro que, apesar de contar apenas 20 anos de idade, já foi casada duas vêzes: com o milionário Nicky Hilton e com o ator Michael Wilding, de 39 anos, pai da criança que receberá, na pia batismal, o nome «Michael».

★

Maxwell Shane, que escreveu, dirigiu e co-produziu com Ivan Tors o filme «The Glass Wall», com Vittorio Gassman e Gloria Grahame, foi contratado pela Columbia. Shane anunciou que escreveu um **script** de «A Bêsta Humana», de Zola, o qual também dirigirá e cujas filmagens terão início em Fevereiro. Os artistas do filme não foram, porém, escolhidos ainda.

★

Cara Williams — a ruiva atriz que recentemente desposou John Barrymore Jr. numa simples cerimônia em Las Vegas, Nevada — tem um bom papel em «The Great Diamond Robbery», ao lado de Red Skelton. Cara, que conta 24 anos (John tem apenas 20) chama-se na realidade Bernice Kamiat e é divorciada do jockey Allen Gray.

★

Celeste Holm está indignada porque os repórteres descobriram que há muito tempo que ela vem mantendo um romance amoroso com o Dr. Peter Lindstrom, ex-marido de Ingrid Bergman...

★

Cary Grant e Irene Dunne foram considerados pelo «Hollywood Actors Council» como os membros da colônia cinematográfica que melhor se vestem. Na relação dos homens seguiram-se: Tyrone Power, o advogado Greg Bautzer, Allan Ladd, o compositor Jimmy McHugh, o dono-de-restaurante Mike Romanoff, Bob Hope, Tony Martin, o diretor Mitchel Leisen e o produtor Gene Markey. As 9 outras mulheres bem vestidas foram: Ginger Rogers, a Sra. Louis B. Mayer, a jornalista Louella Parsons, Kathryn Grayson, Loretta Young, Diana Lynn, a colunista social Cobina Wright, as cantoras Rosemary Clooney e Dinnah Shore.

★

Apesar do filme «Gentlemen Prefer Blondes» ser da Fox, a Metro é quem editará um álbum de discos gravados por Jane Russell e Marilyn Monroe com as canções da película. Dado o grande interêsse dos **fãs** pela reunião das duas mais tentadoras **estrêlas** de Hollywood, a M. G. M. lançará, logo de início, dois milhões de exemplares do referido álbum.

★

Por imposição do «Johnston Office», em «Salomé» Rita Hayworth não chega a deixar cair o sétimo véu durante a célebre dança, sendo a mesma interrompida no momento crítico pela chegada do prato com a cabeça de São João Batista...



O dr. James McNulty, irmão do cantor Dennis Day, deu como presente de noivado à encantadora Ann Blyth êste cachorrinho «poodle», que a jovem «estrela» exibe orgulhosamente



CINE-ROMANCE "ALMAFORTE"



Uma produção da «ARGENTINA SONO FILMES» distribuida pela S. Miguel Filmes..

E L E N C O — NARCISO IBAÑES MENTA, Almaforte — POLA ALONSO, Pepita — EVA ANGELICA CASELLI, Zulema — FEDERICO MANSILLA, Médico — JUAN BONO, Sarmiento — JUAN CARRARA, Secundino Vila — JUAN ALIGHIERI, Antoni — RODOLFO MARTINCHO, Damian — EUGENIO MARCÓ, Panchito — RICARDO VIANA, Luis — HUGO AMBRUNE, Luisito — ENRIQUE VICO, General Mitre — e muitos outros.

FICHA TÉCNICA — Partitura musical e regência, ALEJANDRO G. DEL BARRIO — Decorações, GORI MUÑOZ — Fotografia, ALBERTO ETCHEBEHERE — Camera, ALBERTO CURCHI — Montagem, JORGE GARAT — Assistente do Diretor, HENRY VICO — Trajes, JORGE DE LAS LONGAS — Ajudante de direção, ADOLFO CABRERA — Ambientes, DIMAS GARRIDO — Maquilage, ALBERTO NERON — Penteador, SALERMO E GARRIDO — Modelos masculinos, MACHADO — Laboratórios, ALEX — Produção, EDGARD TOGNI — Direção, LUIS CESAR AMADORI — Argumento, BELISARIO G. VILLAR — Adaptação cinematográfica, PEDRO MIGUEL OBLIGADO.

— O senhor é o novo professor?

— Quem foi que lhe disse?

Para aqui ninguém quer vir, só mesmo um... — assim se expressava um humilde camponês, ajutando às suas palavras um gesto significativo de louco, rodando o indicador junto da cabeça. — Como foi que o senhor veio parar aqui neste fim do mundo?

— Pedi um lugar donde não se necessitasse de diploma...

— Como, o senhor é professor e não é formado? Não tem titulo de bacharel?

— Sim, tenho um: alfabetador.

Explica-se, êle gostava de ensinar, êle, Alfredo B. Palacios, havia chegado a êsse lugarejo nos confins da zona pampeana, onde reinara a revolução do general Roca, apenas com o fito pacifico de letrar aquela gente incultta. A escola era uma tapera abandonada e para se chegar lá havia de atravessar pelo panta-



nal; para poder ensinar teve de discutir com os pais das crianças, obrigadas pelos camponeses a trabalhar desde pequeno no campo.

No armazém do povoado, êle predicava e mostrava os inconvenientes da pessoa que não sabia ler ou escrever. Eram-lhe hostis, principalmente quando Secundino, o fazendeiro mais poderoso do local, se burlava de suas intenções, em compensação recebe todo o apoio de uma jovem, Pepita, que passa a influir sôbre seu espirito.

Consegue afinal que o ajudem. A escola é melhorada. Num tôsco estaqueamento é erguido um mastro e a bandeira desfraldada. Cada um concorreu com um pouco, um com uma vaca, outro com galinhas e assim pôde abrigar algumas crianças e alimentá-las. Depois de alguns meses, Alfredo B. Palacios, apelidado de "Almaforte", por sua fibra indomável, consegue cobrar os ordenados atrasados, gastando-o em seguida ao comprar roupas para as crianças dando ainda para comprar uma guitarra, na qual tocará para êle um de seus três afilhados: Pancho, Antonio ou Damian. Por êsses dias chega, também, a escola uma jovenzinha vestida de gaúcho, Zulema, que é recusada por que ali era uma escola de meninos, ficando, no entanto, para ajudar nas lidas da casa. Dias mais tarde aparece Luisito que é recolhido por Almaforte, numa briga com outros garotos.

Zulema passa a ir a fazenda de Vila, onde entrega uns misteriosos papéis a Pepita, que os lê com um pronunciado rubor; são versos de Alfredo, que desde o dia em que ela lhe havia oferecido uma flor, passara a ser a sua inspiradora.

"Flores, para mim, senhora?"

Uma das vêzes que Zulema vai entregar mais outro verso, D. Secundino, intercepta e lê o poema. Procura o professor e pede-lhe que faça uns versos para uma festa que se celebra essa noite na sua estância.

— Que se celebra esta noite? Algum aniversário?

— Não, o noivado de minha filha.

Quando, a noite, se encontram, ela não sabe formular uma desculpa.

— Para que?... — Diz Almaforte com os olhos perdidos — A culpa foi minha, por ser sonhador...

★

Tempos mais tarde chega ao povoado o primeiro magistrado da pátria, Sarmiento.

Há festividades na aldeia. Sarmiento é hospedado na estância de don Secundino. Só Almaforte permanece no seu canto. Um de seus alunos lhe pergunta porque não compareceu a recepção de Sarmiento ou porque, pelo menos, não fêz uma poesia saudando o Presidente.



— Qual versos, qual cousa nenhuma... — diz o mestre — Êle é um homem de realidade... Querem um verso que faça sorrir de alegria ao Presidente?...

Diante do silêncio da classe, êle dita:

— "Viva a Pátria!"

Ao terminar de escrever estas palavras no quadro, êle escuta uma voz firme que ressonantemente diz:

— Bravos!

Era o Presidente, que vinha visitar a escola.

Ambos se confundem num abraço fraternal.

★

Alguns anos se passaram... Agora se celebra a abertura da nova escola e nesse dia Almaforte recebe a notícia formal de que não pode continuar nela por não ser diplomado.

Sem dizer nada a ninguém, êle olha para o retrato de Sarmiento e murmura:

— Ah! se fôsses vivo...

Em seguida se despede.

Mansamente e sem revolta toma outro destino. Vai acompanhado de Zulema. No meio do caminho são alcançados por Luisito, que está enamorado da garôta. No olhar de Almaforte há tristes interrogações sôbre o seu destino e o daquelas pobres crianças abandonadas.

★

Mas os tempos se sucedem... Almaforte era solicitado pelos jornais da capital para nêles verter as suas idéias liberais adotando o pseudônimo que lhe haviam pôsto no campo, ao invés de seu verdadeiro nome, Alfredo B. Palacios. Seria Almaforte para libertar as futuras gerações e combater nas colunas liberais do momento... Mitre, o novo presidente, elogia seus escritos e seu nome se torna popular. Um dia Antonio, Damian e Panchito visitam um politico influente e pensam em lançar a candidatura de Almaforte para uma vaga de deputado; mas êste não aceita as condições que estão em desacôrdo com sua maneira reta de proceder e como homem integro, recusa-se a se vender aos interêsses internacionais. Como se fôsse pouco, explica tudo num discurso público, conquistando, assim a total simpatia do povo.

Conversando mais tarde com seus antigos alunos, Almaforte rememora cousas doutros tempos...



Pergunta por Pepita e lhe informam que ela não fôra feliz no matrimônio que tinha dois filhos e que ela mesma ensinara as primeiras letras aos filhos...

★

Um dia chega a escola uma mulher com aspecto cansado e fatigado. Êle não a reconhece no primeiro momento. E' Zulema que lhe vem pedir que salve o seu filho, que se encontra detido por responder com violência uma injúria recebida.

Almaforte vai a célula do rapaz e visita-o. Depois dirige-se a um juiz cabeça dura, que nega-se a dar liberdade ao jovem. Almaforte vai ao Governador e, finalmente, consegue que o filho de Zulema seja libertado.

Sobrevem a guerra de 1914...

Numa festa de despedida de jovens que partem para o front europeu, Alfredo B. Palacios, recita o seu famoso poema "Apóstrofes". Antonio, Damian e Panchito, ao final da recitação vêm entregar ao mestre um titulo ofertado pelo magistério, a fim de que ensine sem ser desalojado...

Anos mais tarde, alquebrado pela idade, comparece a uma festa de seus ex-alunos, entre os quais há um neto de Luis e Zulema. Almaforte segue fazendo planos para o futuro, mas agora mantém uma luta com outra pessoa: seu médico particular.

Um dia tem um sonho: vê-se rodeado de alunos, muitos alunos, vestidos de branco e cantando uma canção escolar enquanto êle iça a bandeira. No momento mais solene, Almaforte desperta.

No seu leito de enfêrmo, Almaforte apenas tem uma preocupação: suas crianças. Há uma ordem médica que proibe as visitas. Um dia violando as cautelas chega Pepita com seus netos. E' uma grata emoção para aquêle homem que tanto lutou. Ela promete-lhe voltar todos os dias. Almaforte olha para os olhos dos netos de Pepita e diz:

— Todos têm olhos azuis... Tal como eu desejaria se tivesse tido filhos...

Um de seus alunos pede-lhe licença para cortar as flores do jardim da escola. Pela janela aberta chegam aos ouvidos de Almaforte as vozes infantis de seus alunos; quando o aluno regressa, com as mãos cobertas de flores, Almaforte já havia cerrado seus olhos para sempre.

— Aqui estão as flores que eu lhe ofereço...

Mas não encontrando resposta, coloca as flores no peito do mestre e se aproxima da janela, donde faz um sinal significativo aos meninos no recreio:

— Não façam ruido... O mestre está descansando.





DE F

SUBSTITUTA D
DEBBIE REYNOLDS
TRATO NA WARN
FESTAS CERIMONI

Reportagem de DULCEDA

Debbie Reynolds torn
nematográficos com pe
cação Proibida" (T
no qual fazia o papel
ver. Mas a Warner — o
to — não soube ver o
na sua jovem personal
busca de novos horizon
um jeito incrível para
fazer na Metro um núm
vrinhas" (com Red Sk
cando" a cantora Helen
a "boop-boop-a-doop gir
que tinha nas mãos um
artísticos. Contratou-a.

Em seus gostos e maneira
ça. Já foi escoteira,
quarto cheio de bonecas

←

À esquerda, ao centro e

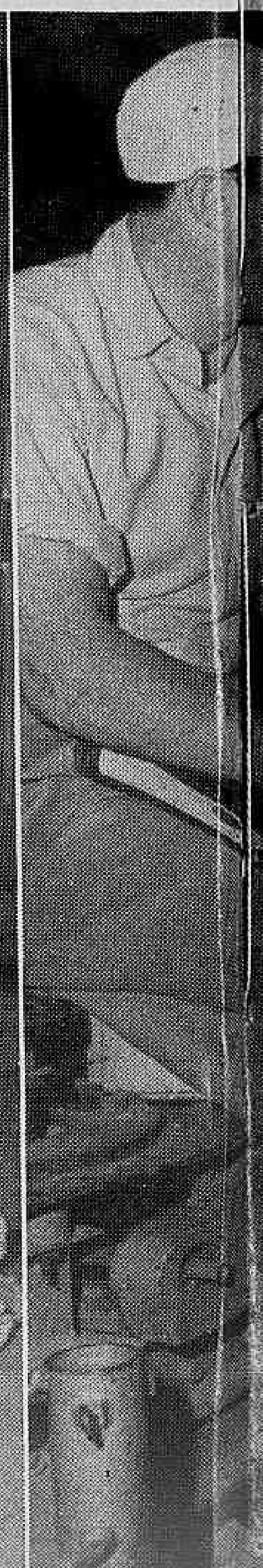
O «Príncipe Encantado»
da Fox, Robert Wagner —
antes dela iniciar a filmge
em que sonha que é... u
Não acham vocês que
belo ca

Debbie Reynolds é uma
pática. Quando se defron
«A CENA», quis logo «
palhou-se» num samba
nhada no set de «I Lov
Metro Golw

Fã número um de Gene
prêsa da sua vida, quan
colheu para «estrêla»
Chuva». «Parece um sonh»







FÃ A ESTRÊLA

JUDY GARLAND NA METRO — OS "ASTROS" QUE
OS ADMIRAVA SÃO, AGORA, SEUS FÃS — COM UM CON-
RNER, ELA FOI... VENDER PANELAS! — NADA DE
NIOSAS PARA A EX-ESCOTEIRA QUE TOCA TROMBONE...

DAMASCENO DE BRITO — (Correspondente de «A CENA» em HOLLYWOOD)

sse conhecida dos fãs ci- uma "pontinha" em "Vo- ighter of Rosie O'Grady), irmã-caçula de June Ha- Debbie estava sob contra- ento que estava escondido ide e deixou-a partir em para a sua carreira. Com aitações, Debbie conseguiu o musical em "Três Pala- ton e Fred Astaire), "ban- ane, chamada nos EE.UU. . Depois disto, a Metro viu garôta de grandes recursos treino dramático de Debbie foi aperfeiçoado em "Quando Canta o Coração", com Jane Powell e Ricardo Montalban e em "E' Proibido Amar", com Lana Turner e Ezio Pinza. Logo em seguida, viu-se ela elevada ao "estrelato", encabeçando — com Gene Kelly e Donald O'Connor — o elenco de "Cantando na Chuva", o musical que está fazendo mais sucesso do que "Um Americano em Paris". E' a consagração final da jovem "estrelinha" de 20 anos. Em "Singin' in the Rain", Debbie saiu-se vitoriosa de uma verdadeira prova de fogo, cantando, dançando e representando como uma vetarana "vedette" da tela. Hoje, sua correspondência na Metro sobe assustadoramente de dia para dia e os produtores de Culver City traçam grandes planos para ela. Fala-se em refilmar com Debbie todos os filmes que deram fama a Judy Garland, enquanto que, por outro lado a M.G.M. concentra-se numa enorme campanha de publicidade para elevar o prestigio de sua nova "estrêla" que, dentro dos estúdios, já é tratada como uma rainha.

— Ainda não acordei totalmente dêste sonho! — declara-nos a própria Debbie Reynolds quando a entrevistamos na Metro, entre cenas do seu novo filme "I Love Melvin", com Donald O'Connor. — Ás vêzes tenho mêdo de despertar de repente e descobrir que tudo não passa de uma das muitas fantasias da minha imaginação de fã! Ontem, eu era uma ardente admiradora de Robert Taylor, Gene Kelly e Jane Powell. Hoje, Taylor almoça comigo no restaurante do estúdio... Kelly me escolhe para sua "partner" de dança em "Cantando na Chuva"... e Jane vem ao meu camarim "bater longos papos"!

O motivo de tudo isso é simples: êsses artistas são fãs de Debbie. A admiradora de ontem, tornou-se a admirada de hoje. Mas Debbie ainda não se convenceu de que é uma "estrêla" como as outras da Metro, com ainda alguma vantagem sôbre algumas delas pois, ademais de representar, dança e canta com perfeição. Pode-se ter uma idéia do pouco valor que esta garôta dá à sua própria pessoa se relembrarmos algo que aconteceu logo no início da sua

(Cont. na pág. 34)

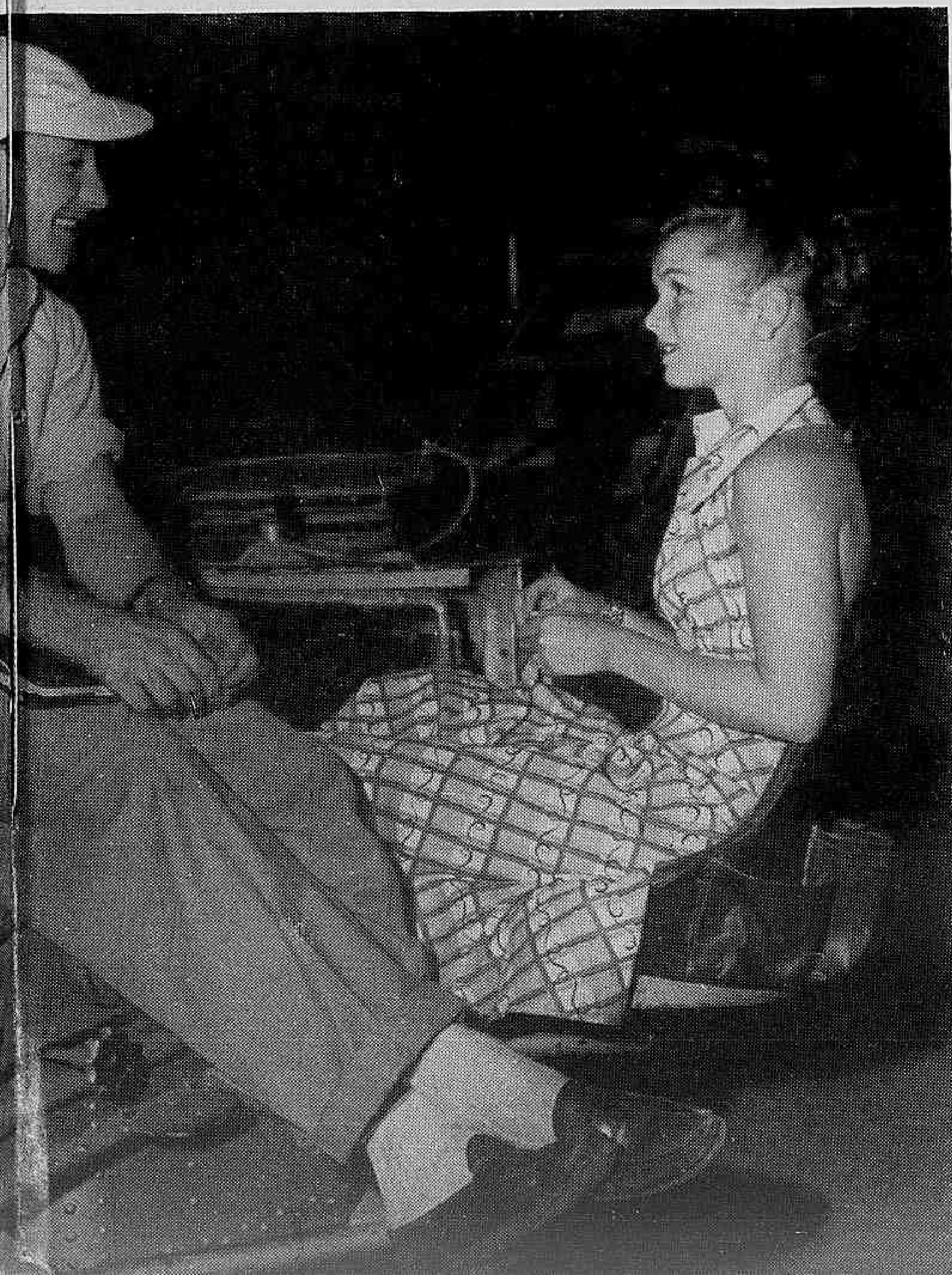
Debbie é ainda uma crian- a trombone, adora o seu espera um dia ir a Paris...

direita:

le Debbie — o jovem galã — visita-a no «set», pouco gem de uma luxuosa cena uma «estrêla» de cinema! Debbie e Bob formam um casal?

garôta viva, amável e sim- u com a correspondente de ancar» a brasileira e «es- asgado»! A foto foi apa- Melvin», nos estúdios da lwyn Mayer

elly, ela teve a maior sur- o grande bailarino a es- seu filme «Cantando na » - diz Debbie maravilhada





Apesar das ruínas no «background» e das roupas de Debbie, esta foto não foi tomada na China e, sim, nos estúdios da Metro, quando ela se dirigia para um ensaio com Donald O'Connor para o seu novo filme «I Love Melvin»



Martine Carrol, da qual a leitora Elza d'Aguiar pede dados biográficos

o fã pergunta: "A CENA" responde

CARLOS SEPULVEDA (Ilhéus) — "... quais os filmes que Aurora Miranda fêz em Hollywood?"

R — "A Dama Fantasma" (The Phantom Lady), com Ella Raines e Franchot Tone; "Você já foi à Bahia?" (The Three Caballeros), de Walt Disney; "Conspiradores" (Conspirators), Hedy Lamar e Paul Henreid; "Conta tudo às Estrêlas" (Tell It to Stars).

FABIO DI SIMONI (Passos, Minas) — "... peço-lhe acrescentar os filmes que faltam na lista de trabalhos de Herbert Marshall".

R — Sua relação está pràticamente correta. Temos a acrescentar: "Liberta-te, Mulher" (A Woman rebels), 1936, de Mark Sandrich, com Katherine Hepburn e "Black Jack-o-Jack, el Negro" (rodado na Espanha), 1950, de Julien Duvivier, com Patricia Roc. Notamos que o filme que em sua relação se chama "Vingança dos Piratas" deve ser "A Rainha dos Piratas", com Jean Peters e Louis Jourdan.

HÉLIO SANTOS LIMA (Distrito Federal) — "... qual o filme que o ator inglês Alec Guinness está fazendo presentemente?"

R — "The Malta Story", a história da defesa aérea da ilha de Malta.

ELZA D'AGUIAR (Caratinga, Minas) — "... quais os dados biográficos de Martine Carol?"

R — Nasceu em Paris, no dia 13 de maio. Em 1940, entrou para a Escola de Belas Artes. Depois estudou arte dramática no curso de Ren: Simon. Estreou no cinema em 1944 no filme "La Femme aux Loups". Voltou depois ao teatro para interpretar "Tabacco Road". Está filmando no momento "Lucrèce Borgia", com Pedro Armendariz.

J. P. LIMEIRA (S. Paulo) — "... qual a ficha técnica e artística do filme "Aconteceu na 5ª Avenida".

R — "Aconteceu na 5ª Avenida" (It Happened on 5th Avenue), 1947, de Roy del Ruth, com Don DeFore, Ann Harding, Charles Ruggles, Victor Moore e Gale Storm. Argumento cinematográfico de Everett Freeman; música de Edward Ward; cenarização de Ray Beltz e fotografia de Henry Sharp.

CARMEN GONZALEZ (São Paulo) — "... qual o enderêço de Pedro Armendariz?"

R — Está filmando na França. Seu enderêço é Films EGE, 49 bis Avenue Roche, Paris VIII.

DALVA MARTINS (Belo Horizonte) — "... é verdade que José Lewgoy estudou arte dramática nos Estados Unidos?"

R — Sim. Na Escola Dramática da Universidade de Yale.

JOSÉ PÁDUA MUNIZ (Distrito Federal) — "... qual o motivo para um artista gravar seus pés e mãos no "hall" do Chinese Theatre?"

R — Atingir um certo grau de popularidade e ser considerado uma boa "bilheteria". Vários artistas já receberam essa honra. Carmen Miranda lá tem a marca de seus sapatos e as últimas a deixarem suas marcas no cimento daquele teatro foram Olivia de Havilland e Ava Gardner.

MÁRIO RAMOS (Salvador) — "... de que ano é o filme "O Bater de um Coração" e qual o seu diretor?"

R — "O Bater de um Coração" (Heartbeat), 1946, da R.K.O., direção de Sam Wood, com Ginger Rogers, Jean Pierre Aumont e Adolphe Menjou.

DJALMA MOTTA (Distrito Federal) — "... qual o mal que resultou na morte de John Garfield e Maria Montez?"

R — Garfield morreu de um colapso cardíaco e Maria Montez morreu afogada na banheira de sua residência, depois de um desmaio quando se banhava em água muito quente para emagrecer.

WILSON CASTELAR (Distrito Federal) — "... qual o título do filme que Evelyn Keyes está fazendo na França?"

R — "C'est arrivé a Paris", direção de Henry Lavorel, com Henry Vidal.

Cine-Crítica do LEITOR

O cinema francês caracterizou-se como a personificação da luxúria e do sensualismo em tiras de celulóide. Não sei se será o refinamento da «civilização» que faz dos nossos amigos francos verdadeiros trogloditas no que se refere ao sexo, ou somos nós que ainda estamos apegados às velhas fórmulas tradicionais.

Sob o pretexto de realismo e nu artístico, os cineastas franceses usam e abusam do direito de explorar as relações íntimas entre o Homem e a Mulher, ultrapassando as mais comezinhas noções de moralidade pública, revolvendo quase sempre a intimidade sórdida das baiúcas e antros de perdição.

Excesso de nudismo, baixo, cru, sem outras intenções a não ser despertar no espectador instintos pouco confessáveis. Ainda por cima, a tradução para o português em nada melhora a situação. Muito pelo contrário, como no caso de «Uma mulher por dia», em que a versão para o vernáculo chega a ser impudente.

Refiro-me a películas como «TORTURA DO DESEJO» (não confundir com o seu homógrafo sueco, que é uma legítima obra-prima), «OS AMÔRES DE CAROLINA», onde a revolução francesa serve de «leit-motif» a uma série de situações cada qual mais equívoca, «POR UMA NOITE DE AMOR», etc.

«NOITES DE PARIS», apresentando a novata Claudine Dupuis, embora apresente uma história falha, risível, é um filme agradável, divertido mesmo, até o instante em que se mete a filme policial, quando descamba para um pretenso sensacionalismo intolerável.

Há pouco foi exibido entre nós «MALDIÇÃO DAS TREVAS», cuja tradução deficiente muita vez deixa o espectador sem compreender direito o que se passa na tela. Dêste filme, salva-se o exótico bailado de iniciação de Guilemette-Babin na feitiçaria, desenrolado na exaltação do sonho da protagonista. Hélène Bossis, sem beleza física e destituída de talento dramático, movimenta-se no filme meio esquerda.

Idêntica ausência de pudor se pode observar em «CONFLITOS DE AMOR», a opereta de Max Ophuls e Sacha Gordine, e «LUCRÉCIA BORGIA», filme êste, aliás um pouco antigo, onde a libertinagem mórbida parece chegar ao auge.

E êstes são apenas os que nos podemos lembrar no momento.

Já fogem, entretanto, à linha pré-estabelecida, «HOTEL CLANDESTINO», e «HISTÓRIA DE UM AMOR», duas boas histórias, sem excessos amorosos.

Felizmente, de todo sensualismo enlatado que nos chega «via-France», achamos alguma coisa de real valor. Senão vejamos: «VOLPONE» com os inesquecíveis Harry Baur e Louis Jouvet, numa magnífica sátira à sociedade corrompida de Veneza; «ANJO PERVERSO», que, sob a direção magistral de Henri Clouzo, é uma lição de cinema com «C» maiúsculo; «O DIREITO DE MATAR», «OS AMANTES DE VERONA», filme no qual a direção, a técnica e o estilo juntaram-se para produzir uma obra digna de louvores sob todos os aspectos.

Em quase todos os filmes citados há nudismo. Há sexo. Mas tudo dosado e controlado de tal forma que o tratamento impôsto ao «script» deixa que o tema se desenvolva dentro de suas próprias possibilidades, facilitando, portanto, a tarefa artística dos intérpretes, sem recorrer às soluções gritantes da pornografia e da imoralidade enfeitadas, como chamariz de atenção... e de bilheteria.

Não queremos ser puritanos demais, mas tudo tem limite, senhores.

Até onde irá o «realismo» do cinema francês ? Quem entende um pouco do riscado, sabe que realismo em cinema, na acepção da palavra, não é nem nunca foi destinado exclusivamente a apresentar personagens despidos perseguindo-se loucamente uns aos outros, em saturnais de luxúria.

Realismo é a capacidade de ambientação que uma fita apresenta, capaz de integrar o espectador na ação que se desenrola na tela, fazendo-o sentir e viver as situações do filme.

O cinema francês dispõe de ótimo material sob todos os pontos de vista: bons diretores, bons temas, esplêndidos cenários naturais, experiência técnica, ótimos atores — haja visto Pierre Brasseur, Jean-Louis Barrault, Serge Reggiani, Claude Nollier, Simone Signoret, Daniel Gelin, Marcel Dalio (que, ao que parece, está se mercantilizando em Hollywood).

Tudo de primeira ordem. Falta-lhes, porém, senso de oportunidade.

São por demais superficiais, inconseqüentes.

Empregassem êles menos sensualismo e frivolidade em suas produções e um pouco mais de solidariedade para com o instante em que vivemos, dos problemas sociais e psicológicos do mundo, de maior calor humano, enfim, e teríamos então, o reafirmamento da Arte pela Arte.

ELVIRA DE OLIVEIRA BRASIL

«Os Amôres de Carolina», filme francês, sôbre o qual se refere a leitora Elvira Oliveira Brasil, de Salvador, Bahia



Rádio Cena



CARNAVAL
À VISTA



Heleninha Costa gravou duas verdadeiras «bombas» para o tríduo de Momo: «Barracão» e «Cachorro Vai». A primeira figura, destacadamente, há várias semanas, entre as mais vendidas

O CARNAVAL DA NACIONAL ESTÁ ABAFANDO

A ESTAÇÃO DA PRAÇA MAUÁ LEVA RITMOS MOMESCOS A TODOS OS CANTOS DA CIDADE — UMA EQUIPE DE CANTORES DE DAR ÁGUA NA BÔCA DE QUALQUER DIRETOR ARTÍSTICO — A E-8 PROVA QUE TAMBÉM SABE FAZER GRANDES PROGRAMAS MOMESCOS

Texto de M. GOMES

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Há muito que as frigideirinhas (substitutas do tamborim) estão repinicando, na marcação dos deliciosos sambas carnavalescos, acompanhadas pelo som gutural das cuícas e as batidas surdas dos bombos. Enquanto isso, os brotinhos sacodem as cadeiras, como se as preparassem para os três dias gordos da folia. E' o carnaval, com o seu séquito de alegrias que se avizinha, levando de roldão o mais pacato dos mortais. E' a oportunidade de desrecalcar-se que se aproxima, levando o espírito de muita gente boa e matando alguns complexos com sambas e marchinhas maliciosas.

O RÁDIO AJUDA MOMO

Como acontece nessas ocasiões, o panorama da programação das nossas emissoras se transforma radicalmente. Para atender à preferência dos escutas, que já vibram como antigamente com os lances das "empolgantes novelas", os prefixos difundem as melodias para os folguedos carnavalescos, colaborando, dessa forma, para o maior brilhantismo do breve reinado de Momo.

Dentre as emissoras cariocas que se dedicam a organizar programas especiais dedicados à divulgação das músicas carnavalescas, vale ressaltar o esfôrço da Rádio Nacional em oferecer audições caprichadas aos seus sintonizadores, movimentando grande número de cantores e uma equipe numerosa de músicos, sob o comando de festejados animadores.

Como vemos, a E-8, com êsses "broadcasts" realmente notáveis, ajuda bastante ao Rei Momo.



Embora não tenham gravado melodias do quilate de «Aurora» e «Cai-cai» — dois de seus êxitos em carnavais passados — Joel e Gaúcho estão com muita esperança em «Seu Cabral».



«A lua se escondeu» é o carro-chefe de Ruy Rey. Essa marchinha quase foi proibida pela censura. Agora, está sendo difundida largamente



Marion, que faz questão de não ser comparada a Carmen Miranda, lembra cada vez a «pequena notável» com os seus trejeitos e as suas gravações carnavalescas...



Dora Lopes confia bastante nas suas criações para o tríduo da folia, a fim de capitalizar popularidade para o futuro

EM TODO O CANTO DA CIDADE

A exemplo do que tem feito nos anos anteriores, a estação da Praça Mauá, nas semanas que antecedem os três dias ansiados, leva o seu microfone aos quatro cantos da cidade, irradiando as audições momescas dos principais clubes da metrópole.

Assim, Emilinha Borba ("Pelo amor de Deus"), Risadinha ("Se eu errei"), Black-out ("Dona Cegonha"), Araci de Almeida ("Por que é que você chora?"), Dircinha Batista ("Máscara da face"), Jorge Veiga ("Reza por teu amor"), Linda Batista ("Abre a porta, São Pedro"), Marlene ("Zé Marmita"), Nelson Gonçalves ("O terceiro homem"), Joel e Gaúcho ("Seu Cabral"), Marion Ivan de Alencar, Carlos Augusto, Dora Lopes, Jorge Goulart, Alcides Gerardi e muitos outros cartazes, em contacto direto com o grande público, apresentam as suas criações de maior sucesso para o tríduo momesco.

OS PROGRAMAS

Além de, através dos "Programa Manoel Barcelos" (tôdas as quintas-feiras) e "Programa César de Alencar" (todos os sábados) e outros, divulgar todos os sucessos de seu grande elenco de cantores para o carnaval, a emissora da Praça Mauá apresenta ainda um grande programa (que é irradiado dos clubes) às quartas-feiras, às 20,05 horas, aos domingos, às 15,10 horas, e aos sábados, das 22,05 às 23 horas, com a participação de alguns elementos da Rádio Mayrink Veiga. Tomam parte nessa série de audições, além da esplêndida escola de samba que obedece ao comando de Herivelto Martins, da orquestra e grande número de vocalistas populares, os locutores Afrânio Rodrigues, Heitor de Carvalho e Carlos Henrique.

Como vemos, graças a essa magnífica equipe, não será exagêro afirmar que o carnaval da Rádio Nacional está abafando.



Ivan de Alencar, novato no mundo fonográfico, tendo se destacado como intérprete de beguins, também aderiu ao carnaval. E espera brilhar



Herivelto Martins, quando se aproximam os folguedos momescos, não pára um um só instante. Ei-lo comandando a bateria da «Escola de Samba» que brilha nas audições momescas da Rádio Nacional



Mais um doutor no Rádio. Waldir Amaral, o correto locutor esportivo da Continental, completou o seu curso na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Agora temos mais um advogado no broadcasting, um bom advogado de defesa com a facilidade de expressão adquirida nas transmissões futebolísticas

VALE A PENA SABER

O produtor Pedro Anísio já foi noivo da rádio-atriz Amélia Simone.

★

O locutor esportivo Domingos Araújo, que ingressou no rádio após triunfar num concurso instituído por Ari Barroso, é quartanista de medicina.

★

Albênzio Perrone, há alguns anos atrás, atuava como locutor e cantor na antiga Rádio Educadora (hoje Tamoio).

★

Emilinha Borba, no início de sua carreira artística, integrou o elenco da Rádio Guanabara, ao tempo em que essa emissora tinha o sr. Alberto Manes em sua direção.

★

O produtor Haroldo Barbosa já fêz uma porção de coisas no rádio, desde a locução esportiva até às "empolgantes novelas", passando pela discoteca e pelo conjunto regional.

DISSE-ME-DISSE

Dizem que o Arnaldo Nogueira é o locutor mais convencido dêste mundo, só porque atuou na BBC de Londres. Êle é tão pernóstico que, quando atua em jornais falados, mesmo que um telegrama que tenha um nome estrangeiro arrevesado não seja para êle ler, faz um sinal enfático para o colega (ao qual corresponde a leitura do despacho telegráfico) e prossegue lendo, até acabar as notícias com nomes arrevesados...

★

Espalharam que uma nota saída nesta seção fôra encomendada pelo locutor esportivo Domingos Araújo. Isso não passa de mentira. Não conhecemos o Domingos nem costumamos levar jabaculês para elogiar êste ou aquêle artista. Dissemos que o Araújo é melhor do que o Wolner porque esta é a nossa opinião. E está encerrado o assunto !

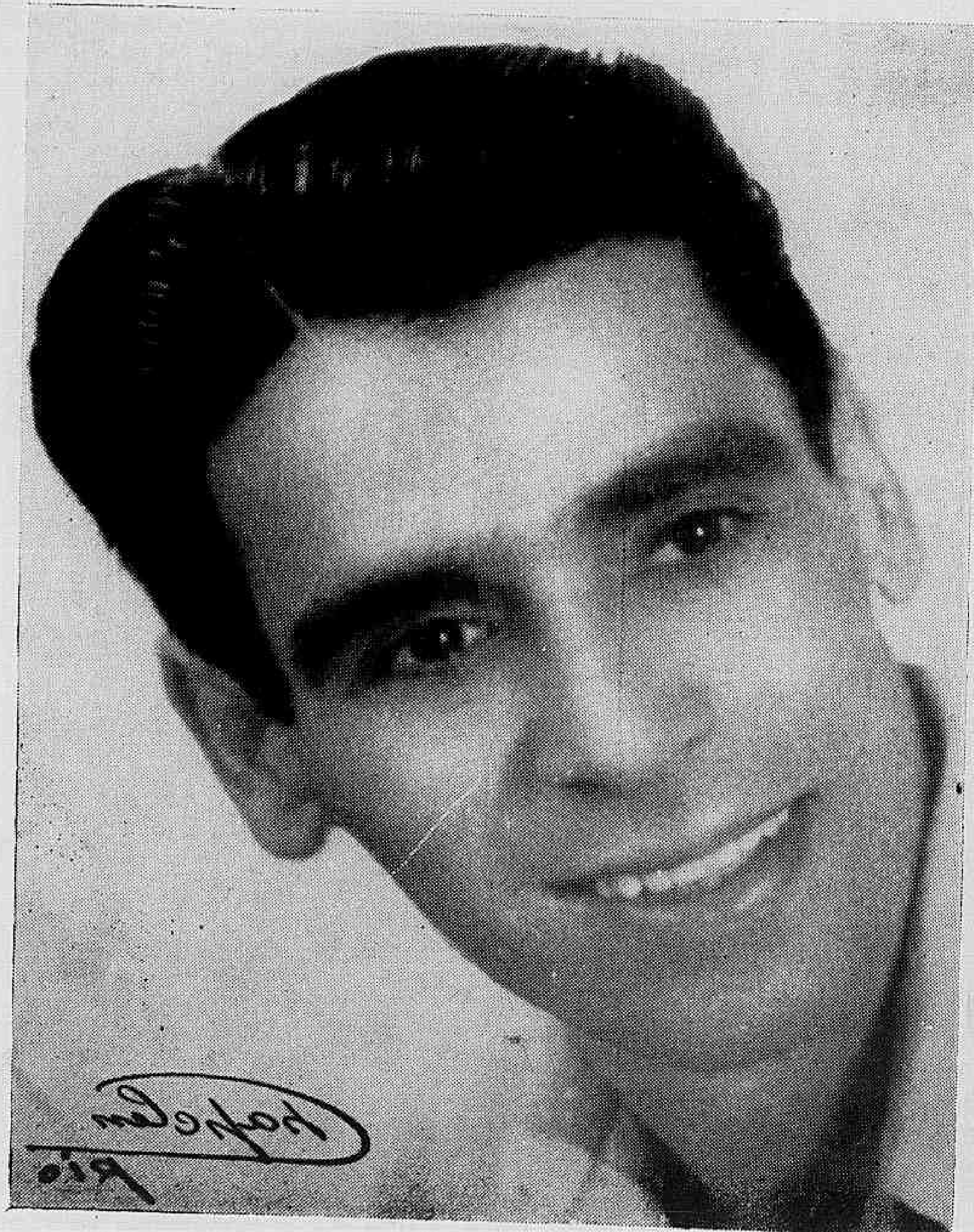
★

— Quem foi que disse que o pistolão nada vale no rádio ? — dizia um prestigioso elemento de uma das maiores emissoras cariocas numa roda de amigos. — Vale, sim ! Ainda há pouco, um locutor que vocês conhecem muito bem, ingressou na minha emissora graças a um cartucho de um dos dirigentes de uma grande emprêsa de publicidade. Pelo visto, o tal dirigente estava «associado» ao diretor comercial da estação...

Como diria o Pagano Sobrinho: «manjaram ou boiaram ?»

MR. KILOCYCLO

Vitor Bacelar, o veterano cantor da Tupi, está fazendo sucesso com a sua última gravação: «Valsa da Formatura»



DAQUI, DALI, DACOLÁ

Em lugar de "Ubirajara, o marca ôlho", a Rádio Tamoio lançou "Rocambole", seriado que traz a assinatura de Luís Quirino.

★

Entrou em negociações com a Rádio Globo o animador Luís de Carvalho.

★

Alcides Gerardi transferiu-se da Tupi para a Nacional. Sua estréia dar-se-á ao microfone da PRG-9, Rádio Nacional de São Paulo.

★

Valdir Wey que, recentemente, assumiu as funções de assistente de Péricles do Amaral, na Tupi, vem atuando na equipe de esportes da PRG-3.

★

Ao que tudo indica, Urbano Lóis não se encontra satisfeito na Rádio Cruzeiro do Sul, pois êle já iniciou entendimentos para voltar à Rádio Globo.

★

Jonas Garret, que fizera certas exigências para reformar com a Globo, firmou contrato co ma Rádio Tupi.

★

"Histórias de tio Janjão" é o título do novo programa que Oranice Franco está escrevendo para a Rádio Nacional. Horário: 9h e 45m das quartas-feiras.

★

Foi reeleito por unanimidade para a presidência da Associação Brasileira de Rádio o animador Manuel Barcelos.

★

Durante o carnaval, Zilá Fonseca realizará uma temporada em Montevidéu.

★

O rádio-ator Darci Pedrosa, que pertencia ao elenco de teatro cego da Globo, foi contratado pela Rádio Nacional.

★

O teatrólogo e novelista Gustavo Dória é o novo diretor do departamento de divulgação das Associadas Cariocas.

★

Héber de Bôscoli regressou das prolongadas férias que estava gozando e reassumiu o comando do programa "A felicidade bate à sua porta".

★

O "Prêmio Vitor Costa", anual, e destinado ao redator da Seção de Jornais Falados da Rádio Nacional, que maior número de comentários escrever para a série "Retratos do Brasil", irradiada no programa "Traço de União", foi ganho, pela segunda vez consecutiva, por Elias de Oliveira, também locutor daquela seção.

★

O locutor Arnaldo Nogueira, por motivos particulares, desligou-se da Tupi, passando a atuar na Rádio Tamoio.

★

Amélia Ferreira, que pertencia à Rádio Globo, fêz a sua estréia na Rádio Nacional interpretando o papel de "Ângela", na novela de Gastão Pereira da Silva, "Ouro Branco".

★

A Rádio Tamoio lançou o programa "Sua excelência, o compositor", no qual os próprios autores apresentam suas músicas.

★

Quando encerrávamos estas notas, Emilinha Borba tinha dado um salto espetacular, passando a comandar o pelotão das candidatas ao título de "Rainha do Rádio de 1953".



Até do Havaí (embora muitos não acreditem) Roberto Paiva recebeu cartas pedindo a remessa da letra da vitoriosa «Marcha do Conselho», que pintou há muito como a campeã do carnaval

ROBERTO PAIVA AVISA: ESTÃO SABOTANDO A "MARCHA DO CONSELHO"

GRANDE BAGAGEM DE SUCESSOS CARNAVALESCOS — CANTA DESDE A IDADE DE 17 ANOS — A HISTÓRIA DO SEU INGRESSO NO RÁDIO — PALESTRA COM O POPULAR CANTOR DA RÁDIO TUPI

Reportagem de M. S. **Fotos de ALEXANDRE MIRANDA**

Com Roberto Paiva, êsse festejado vocalista da Rádio Tupi cujo material vocal faz lembrar os que se filiaram à escola de Sílvio Caldas na música popular brasileira, acontece um fenômeno deveras interessante. Quase todo ano — por ocasião do reinado de Momo — êle comparece com um grande sucesso. «O trem atrasou», «Marchinha dos velhos» e tantos e tantos outros «hits» carnavalescos estão aí mesmo para provar a razão das nossas assertivas. Êste ano, para não fugir à regra, êle perpetuou na cêra outra verdadeira «bomba» — a «Marcha do conselho» — cuja aceitação tem sido a melhor possível.

★

A carreira radiofônica do nosso herói foi iniciada logo após ter êle completado os 17 anos.

— Em que ano foi mesmo, Roberto ?

— Em 1937, na antiga Rádio Sociedade Fluminense. Ali conheci êsse bonísssimo Ciro Monteiro e adotei o meu nome artístico, que é o mesmo pelo qual vocês me conhecem.

O cantor faz uma pausa para consultar a memória e explica:

— Eu tinha ido à rádio cantar escondido dos meus pais e dos professôres, pois naquele dia «matara» a aula do Externato Pedro II. Na hora, sem saber com qual nome me apresentaria, os companheiros que me acompanhavam gritaram: «Êsse é o Roberto Paiva !» Aceitei a idéia e até hoje sou Roberto Paiva para a vida artística.

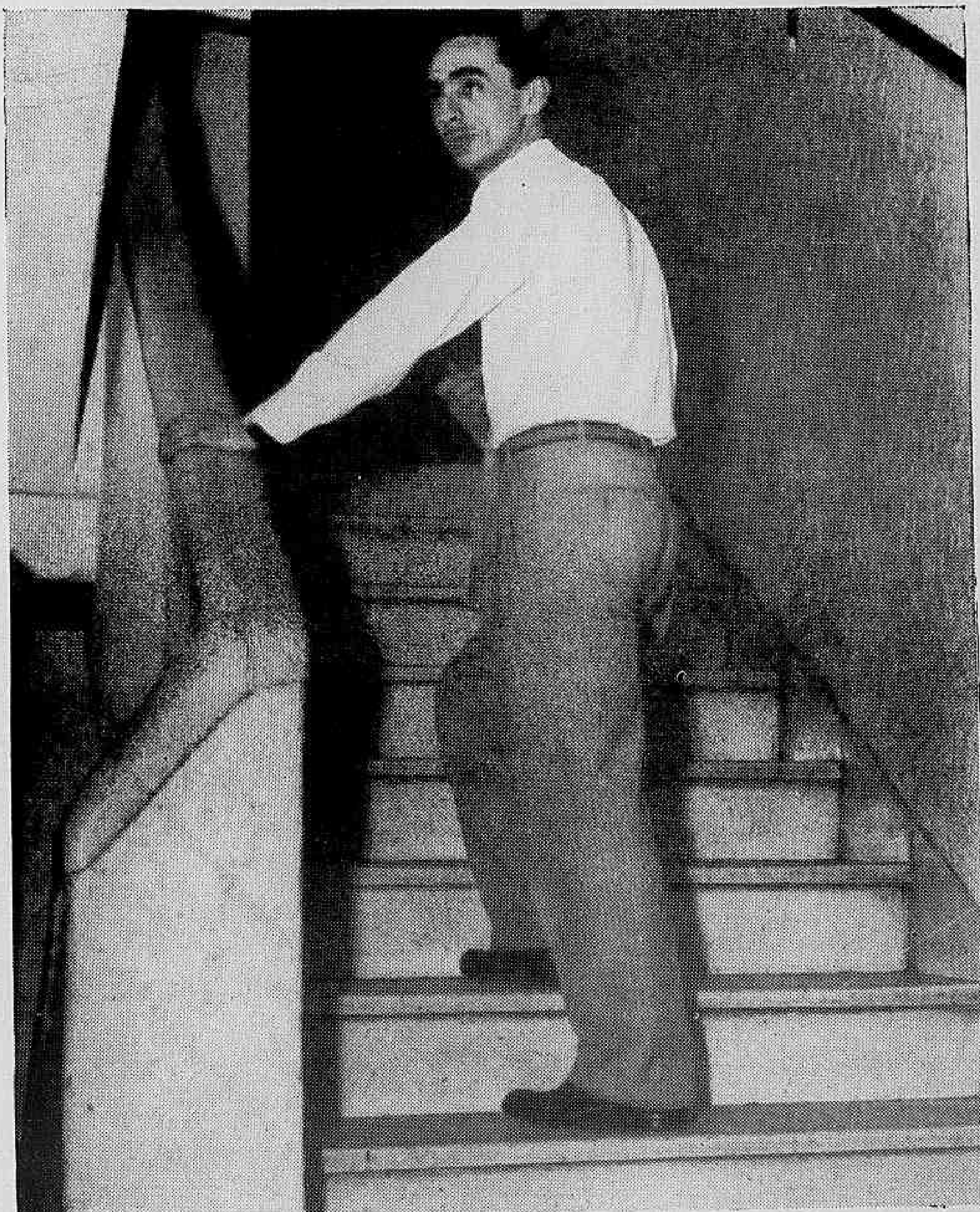
—E depois ?

— Seis meses mais tarde, tendo «matado» a aula novamente, dirigí-me à Rádio Mayrink Veiga, naquela época a primeira entre as maiores emissoras do Rio. Tive sorte, pois fui reconhecido pelo Ciro Monteiro, que me apresentou ao César Ladeira. Êste submeteu-me a um teste e, felizmente, fui aprovado.

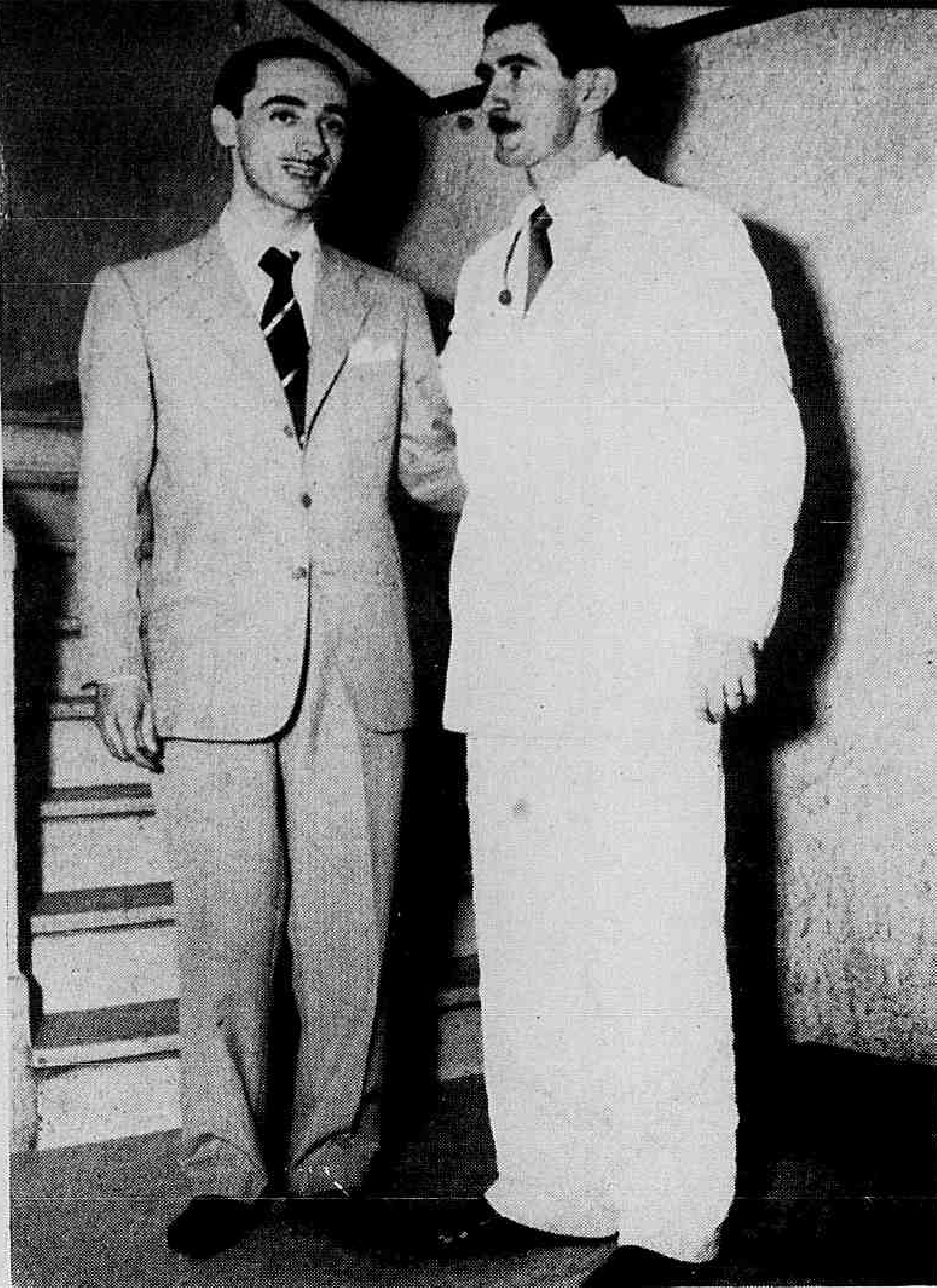
★

Paquito, um dos autores da «Marcha do Conselho» interrompe a palestra, querendo saber os próximos locais que o nosso entrevistado visitaria no trabalho de difusão da melodia vitoriosa. Após atendê-lo, Roberto retoma a narrativa:

— Depois de ter passado no teste, comecei a atuar na PRA-9 defendendo um «cachet» modesto. Sòmente algum tempo mais tarde, meu pai teve conhecimento desta travessura. Êle quis dissuadir-me de continuar a carreira radiofônica, desejando ver-me oficial de nossa armada, mas, era tarde demais, e prossegui atuando na Mayrink Veiga.



Não, êle não está subindo as escadas da fama. Embora modesto, o moço Paiva já é famoso há muitos anos



O cantor e o dirigente. Péricles do Amaral, diretor de «broadcasting» das Associadas cariocas, tem se revelado um grande amigo de Roberto Paiva



Paquito e Romeu Gentil, autores da marcha que muita gente está tentando sabotar, palestram animadamente com o cantor e alguns companheiros. Assunto? Direitos autorais...

Após concluir o curso ginasial, o criador de «Jardim de flores raras» se entregou decididamente à carreira na qual se decidira a triunfar. Levado por uma interessante proposta, trocou a PRA-9 pela Educadora e, desta, passou-se para a Nacional, onde atuou durante nove anos, ou seja, de 1940 a 1949.

Nessa época, resolveu aceitar alguns dos convites para visitar as principais cidades do Brasil. Assim, em triunfal excursão, percorreu o país de norte a sul, regressando ao Rio quase um ano depois. Reiniciando suas atividades no «broadcasting» carioca, firmou compromisso com a Rádio Guanabara, porém, em face da C-8 mudar repentinamente a sua orientação, desligou-se dêsse prefixo e assinou contrato com a Tupi, onde se encontra até hoje, participando dos seus principais programas.

★

Como se sabe, Roberto Paiva já pertenceu a diversas fábricas gravadoras, deixando em tôdas elas a marca do seu talento, em face do grande número de melodias de sucesso que tem perpetuado na cêra.

— De vez em quando — informou o cantor «associado» — dou uma chegadinha nessas fábricas e arrecado alguns cruzeiros, produto da venda de minhas gravações...

— E agora para que etiquêta você grava?

— Estou na Sinter, para onde fui, em 1951, convidado pelo sr. Paulo Serrano. Estreei com duas composições de Noel Rosa: «Três apitos» e «Quando o samba acabou». Parece que obtive sucesso no meu «debut». Depois veio a «Marchinha dos velhos» e, agora, estou com dois discos de melodias carnavalescas na rua. Mas o forte é mesmo a «Marcha do Conselho».

Nessa altura da entrevista, Paquito e Romeu Gentil, que assistiam a tudo caladinhos como dois colegiais bem comportados, abriram-se num amplo sorriso de satisfação e fitaram significativamente o Júlio Louzada.

★

Mas, ao contrário do que o repórter esperava, Roberto não compartilhou da alegria dos autores da música. E, pouco depois, fêz esta revelação verdadeiramente surpreendente:

— Estão sabotando a «Marcha do Conselho».

(Cont. na pág. 34)



Juntamente com os seus colegas da Rádio Tamoio (onde foi lançada a «Marcha do Conselho» em primeira audição), Roberto Paiva canta mais uma vez a composição que todo o mundo está assobiando

Carlos Galhardo voltou apaixonado pela terra lusá

OS PORTUGUÊSES QUEREM MUITO BEM AOS BRASILEIROS — A NOSSA MÚSICA É APRECIADÍSSIMA PELOS PATRÍCIOS DE CAMÕES — CURIOSIDADE DO RÁDIO LUSITANO — VOLTARÁ A PORTUGAL E, APROVEITANDO A OPORTUNIDADE, VISITARÁ A ESPANHA, A FRANÇA E A ITÁLIA

Reportagem de MARCOS GASSMAN
Fotos de ALBERTO FERREIRA

Carlos Galhardo já se encontra outra vez entre nós. O popular criador de «Fascinação» e outras canções de sucesso regressou têrça-feira da semana passada de sua vitoriosa temporada em Portugal, onde teve ocasião, ao lado da Companhia Brasileira de Folclore, de mostrar nossos ritmos ao país irmão. Antevimos as grandes novidades que Galhardo tinha para relatar aos leitores de A CENA MUDA, pois, conhecemos seu espírito inteligente e arguto e, principalmente, sua palestra fácil e agradável. Foi com prazer que nos propusemos à tarefa de entrevistá-lo.

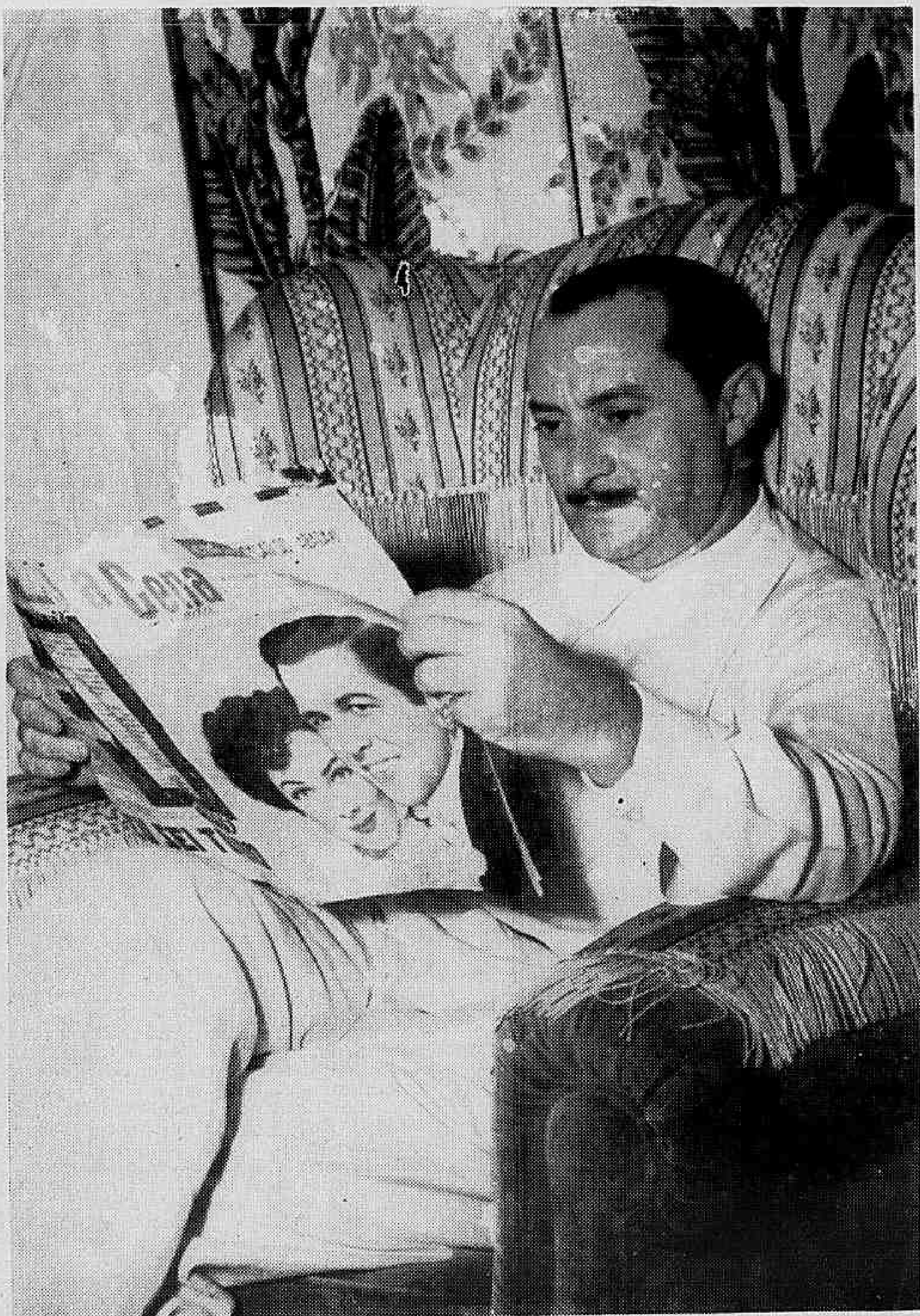
ENTREVISTA MATINAL

Deveriam ser 9 horas da manhã quando ligamos para sua residência. A voz rouca de sono que nos atendeu do outro lado da linha fêz-nos encabular. Havíamos tirado o homem da cama. Mas, ao identificar-nos, seu natural cavalheirismo fêz com que se desculpasse e prontificou-se a nos receber. Não o fizemos esperar muito. Meia hora depois, uma criada nos introduzia em seu elegante apartamento e, enquanto não aparecia nosso anfitrião, os olhos bisbilhoteiros passeavam pelo grande salão de visitas. Assim, deparamos com um sóbrio bom-gôsto, levemente refinado, mas bem agradável. Quando nos embevecíamos na contemplação de uma interessante coleção de bonecas (que posteriormente saberíamos ter êle trazido de Portugal) ouvimos um alegre assobiar e Galhardo, de «short» (a canícula estava brava), saudava-nos com um forte abraço.

Conversa de lá, conversa de cá, um delicioso copo de «whisky and soda» caiu em nossas mãos e, sem mais delongas, iniciamos nossa entrevista.



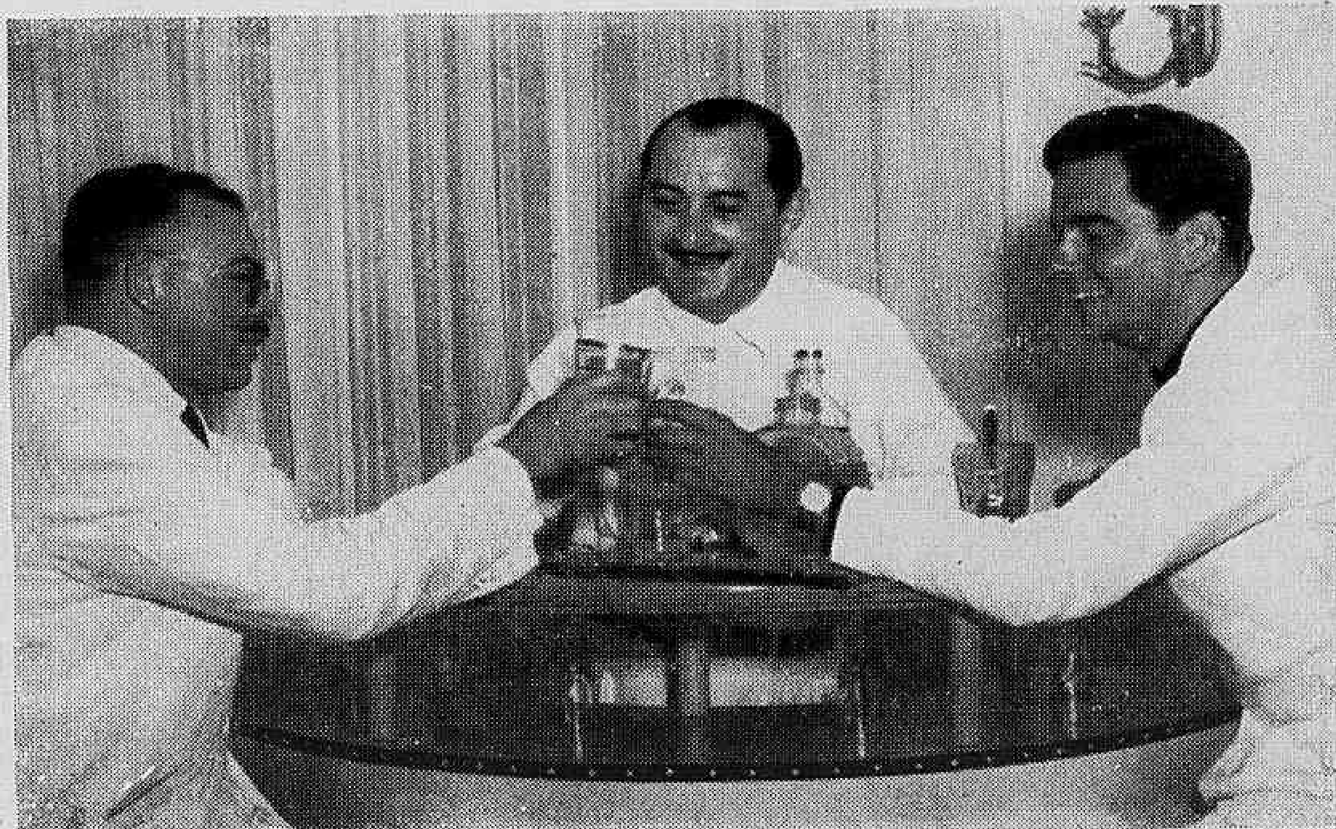
APESAR DE TER chegado há pouco, o festejado intérprete já está com saudades de Portugal. Mas, brevemente, êle tornará à pátria de Camões, ocasião em que deverá visitar outros países europeus



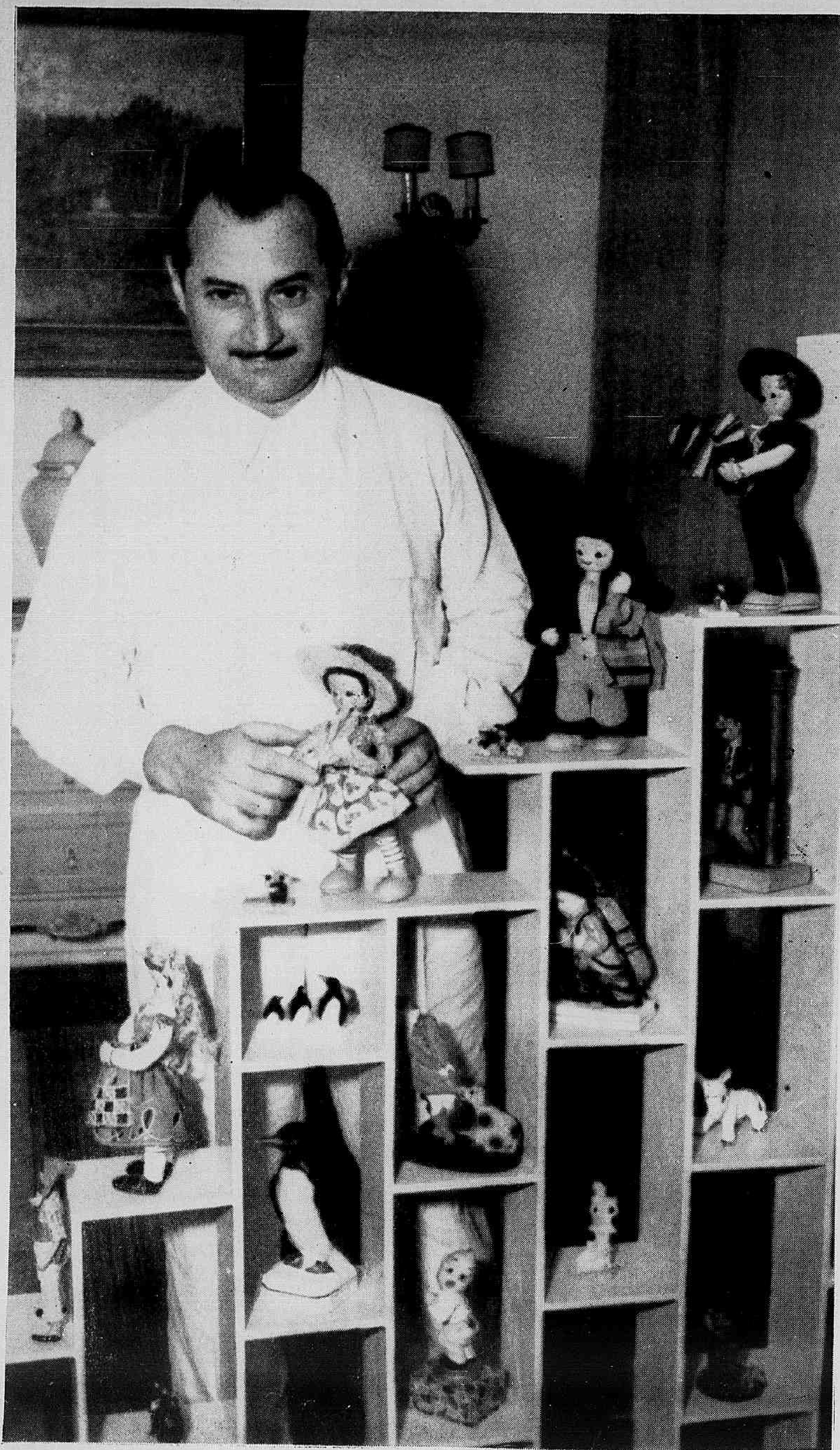
CARLOS GALHARDO obteve grande sucesso interpretando duas das composições que êle gravou para os folguedos momescos. De volta à Rádio Nacional, êle «trabalhará» suas músicas para entrar no páreo carnavalesco

GALHARDO APAIXONADO

— Para início de conversa, meu nêgo voltei apaixonado, perdidamente apaixonado. — Ficamos surpresos. Imaginamos imediatamente uma bomba jornalística depressa, porém, sorrindo ante nossa perplexidade, Galhardo arrematou: — Sim, por êste país encantador que é Portugal. Você devia ver a maneira cordial de receber a nós brasileiros. E' uma coisa que comove! Não há dúvidas, temos nos portuguêses amigos e irmãos que muito nos querem. Sempre ouvi falar na amizade luso-brasileira, mas com esta minha viagem e meus três meses de estada lá, constatei com meus próprios olhos não só a beleza e a agitação progressista, como o grande coração do povo por-



«GOSTEI MUITO DE PORTUGAL — afirmou o cantor à reportagem — mas não trocaria o Rio por lugar nenhum dêste mundo». Aqui o «Spaghetti» admira o panorama da cidade que êle há meses não via



tuguês. Não tenho palavras para exteriorizar o que sinto, tá bem...?
Estava, sim.

PORTUGAL ADORA NOSSAS MÚSICAS

Sabíamos que Galhardo não só havia se apresentado em Lisboa como também em diversas outras cidades. Daí nossa curiosidade em saber se nossa música era bem recebida em Portugal.

— Bem recebida só? Não, meu caro, os portuguêses têm uma verdadeira atração por nossos ritmos. Principalmente pelas marchas, sambas e baiões. E' o que pode-se ouvir nos cabarés (lá não se usa a designação de **boite**) e nas emissoras. Apesar de não haver programas exclusivamente brasileiros, nossos discos são tocados em quase tôdas as estações de rádio. Por falar em rádio, em Portugal existe na verdade uma só estação, que é a Emissora Nacional. As demais são uma espécie de filiais desta, designando-se como Postos de Emissora.

OUTRAS CURIOSIDADES

Continua Galhardo, após um gole de «whisky»:

— Outra coisa interessante no rádio português: todos os programas transmitidos pelas emissoras não são irradiados ao vivo, isto é, são gravados em fitas e, posteriormente, apresentados. Não há programas de auditório. Daí, talvez, a pouca popularidade que gozam os artistas de rádio. Explico melhor: os exclusivos de rádio. A maioria, porém, dedica-se ao teatro e seus fãs arregimentam-se aí e não como no Brasil, em que os cartazes de rádio têm muito mais popularidade do que os do palco.

Aproveitando esta deixa, perguntamos quais eram atualmente os ídolos do público lusitano.

— Dentre os numerosos destaco êstes três: Amália Rodrigues (esta absoluta e, diga-se de passagem, grande divulgadora de nosso samba), Toninho Matos e Francisco José, êste último ótimo intérprete de boleros e rumbas — respondeu Carlos Galhardo.

GALHARDO CONQUISTA PORTUGAL

Sabíamos, por informações vindas de Lisboa, do estrondoso sucesso que o simpático cantor havia obtido em sua «tournée». Modesto, êle tentou desviar a conversa para outro rumo. Mas, insistimos em saber algo sôbre suas exibições em terras portuguêsas.

— Fui feliz, não resta dúvida. Minhas atuações com a Companhia Brasileira de Folclore, em Lisboa e outras cidades, como, por exemplo, Coimbra, da qual guardo uma grata e terna lembrança que mais tarde contarei. Exibi-me quatro ou cinco vêzes na Emissora Nacional. Como já disse, o português tem um fraco pela nossa música e consegui agradar, principalmente com essas duas marchas para o carnaval: «O Mercador», de Ari Monteiro e Wilson Batista, e «Margarida», de Paulo Barbosa e Waldemar Fontes, sendo que esta teve ainda maior repercussão, pois baseia-se numa cantiga popular portuguêsa, a famosa «Margarida vai a Fonte». De qualquer maneira, meu repertório teve uma aceitação que me agradou bastante.

Perguntamos se em Portugal já o conheciam. E o cantor respondeu:

— Não só a mim como a numerosos colegas. Aliás, os discos brasileiros têm elevado índice de vendagem. Parece até mentira, mas faz concorrência ao Brasil. A verdade é esta: a turma gosta de nossa música e o mercado é excelente.

OS ESTUDANTES DE COIMBRA

Lembramo-nos que êle falara da terna recordação que guardava de sua estada em Coimbra e quisemos saber o que era.

— Ah, é verdade. Os rapazes de Coimbra são deveras encantadores. Como sabem comover o coração de um artista, apesar desta aparência brincalhona, barulhenta. Pois bem, eu cantava num espetáculo em Coimbra, onde os endiabrados «capas-pretas» quase que o lotavam. Quando terminei meu último número — que se não me falha a memória era a marchinha «O Mercador», que já fôra repetida inúmeras vêzes — e os adoráveis rapazes irromperam em aplausos tão ruidosos que, no princípio, supus estar sendo vaiado, mas era a maneira dêles exteriorizarem sua satisfação. Não contentes com isto, invadiram o palco e quase sufocaram-me com tantos abraços. Êles gostaram da farra.

(Cont. na pág. 34)

GALHARDO trouxe inúmeras lembranças de Portugal, destacando-se, entretanto, uma esplêndida coleção de bonecas, representando, cada uma delas, uma região da terra lusa

SUCESSOS DE ADELINO MOREIRA PARA O CARNAVAL DE 53!



NÊGO DE CALÇA AMARELA

Bambo de Adelino Moreira, Zé da Zilda e O. Silva gravado por Zé e Zilda em disco Odeon.

Nêgo da calça amarela
Onde tu foi passear
Nêgo tu veio banzeiro
Que nem pode se aplumar
Onde êsse nêgo passa
Todo mundo dá por ela
E só se vê dizendo
Olha o nêgo da calça amarela.

Êsse nêgo andou bebendo
Êle ainda tá banzeiro
Êsse nêgo andou brigando
Êle ainda tá banzeiro
Êsse nêgo andou caindo
Êle ainda tá banzeiro, tá.

Nelson Gonçalves

MADRILLEÑA

Marcha de Adelino Moreira e Nelson Gonçalves, gravada por Nelson Gonçalves.

Vem madrilleña bonita
Teu beijo ardente é que me faz [penar
E traz também teu sombreiro
Não deixa o sol te queimar
Vem dançar
Vem brincar
Vem cantar
Madrilleña, madrilleña.

Quando eu te conheci
Aquela noite em Madrid
Com tua negra mantilha
E a castanhola
Linda espanhola
Fiquei perdido por ti.



Araci de Almeida

SAUDADE, RESTO DE AMOR

Samba de Norival Reis e Adelino Moreira, gravado por Araci de Almeida em discos Continental.

Saudade, resto de amor
De alguém que tanto eu amei.
Amei e perdi.
Perdi mas não chorei.
Hoje você vive a lamentar
Seu triste fim.
Hoje a saudade também dá cabo de [mim.
Vamos sentindo a mesma dor
Saudade, resto de amor.



Zé e Zilda

PARAFUSO

Marcha de Adelino Moreira e José Gonçalves, gravado por Zé e Zilda em disco Odeon.

Parece um para-para-para-parafuso
Sambando dentro do salão
Parece um para-para-para-parafuso
Quando ela ginga com o pandeiro na [mão.

Me empresta Yayá, seu instrumento
Ah, eu não agüento
Também quero tocar
Se fôr questão de dinheiro
Eu pago, pago, pago pra tocar nesse [pandeiro.

CANSADO

Samba de Adelino Moreira, J. Reis e José Gonçalves, gravado por Zé e Zilda em disco Odeon.

Cansei de pedir
Cheguei a implorar
Os meus olhos ficaram
Bastante cansados
De tanto chorar.

Seu arrependimento
Não vai me convencer
Pois eu cansei de pedir
Cansei de implorar
Não quis me atender.

VEM MEU AMOR

Samba canção de Adelino Moreira e Norival Reis, gravado por Orlando Corrêa em discos Continental.

Vem meu amor
Nos meus braços sentir o calor
E o prazer desta vida gozar

Vem, vem sonhar (bis)

Tu em meus braços
Se o céu fica longe eu não sei
O meu céu são teus olhos querida
Meu amor, minha vida.



Marlene

QUEBRA-MAR

Marcha de Adelino Moreira e José Gonçalves, gravado por Marlene em disco Continental.

Na Barra da Tijuca
Eu fui tarrafear
Veio uma onda maluca
Me jogou no quebra-mar
Um velho tubarão
Queria me agarrar
Veio uma onda maluca
Me jogou no quebra-mar.
Ei, quebra-mar
Ei, ei, ei, quebra-mar.



César de Alencar

MARCHA DO TROUXA

Marcha de Adelino Moreira, Nelson Gonçalves e Herivelto Martins, gravada pelo «Trio de ouro», Nelson Gonçalves, Heleninha Costa e César de Alencar.

Pra que é
Que trouxa quer dinheiro?
Pra que é
Que trouxa quer mulher?
Com dinheiro
O trouxa se atrapalha
E a mulher
Engana o trouxa quando quer.

O trouxa sai pra rua endinheirado,
Levando a mulher do lado.
A turma grita:
Tá pra nós, de colher,
Pra que trouxa quer dinheiro ?
Pra que trouxa quer mulher ?

MINHA LINDA HINDU

Marcha de Wilson Batista e Nássara, gravada por Nelson Gonçalves

Hindu, minha linda hindu,
Que nasceu em Calcutá.
E' melhor ser minha espôsa
Do que ser escrava de um rajá, [Hindu.

Eu não tenho palácio,
Eu não tenho tesouro,
Minha janta é um prato de arroz.
Eu sou um pobre pária.
Mas, tenho uma cabana
Que chega pra nós dois, Hindu.

POR ESSA MULHER

Samba de Marina Pinto e Manèzinho Araújo, gravado por Gilberto Milfont

Por essa mulher
Ai, meu Deus
Eu ponho a minha mão no fogo.
Por essa mulher
Ai, meu Deus
Eu abandono até o jôgo.

Tudo que ela pedir
Eu darei
Se ela fôr pro inferno,
Eu também irei.
Tudo que ela quiser
Farei com satisfação,
Pois quero uma mulher
De alma e de coração.

★

UMA MULHER E' POUCO

Samba de Walter Levita e Ernani Seve, gravado por Francisco Carlos.

Uma mulher
Pra um homem
E' muito pouco
Quem inventou o casamento
Estava louco!

Não sou eu só
Que vivo a reclamar!
E' muito pouco uma mulher
Pra gente amar!...
Eu vou-me embora
Não fico aqui mais não!...
Vou morar lá no Oriente
Eu nasci pra ser sultão,
Oba!...

★

O TERCEIRO HOMEM

Marcha de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti, gravada por Nelson Gonçalves.

O terceiro homem
Êsse é que é o tal

Minha gente, desde o tempo da Te- [resa
Que a verdade apareceu numa canção.
O terceiro foi aquêle
Que a Teresa deu a mão !

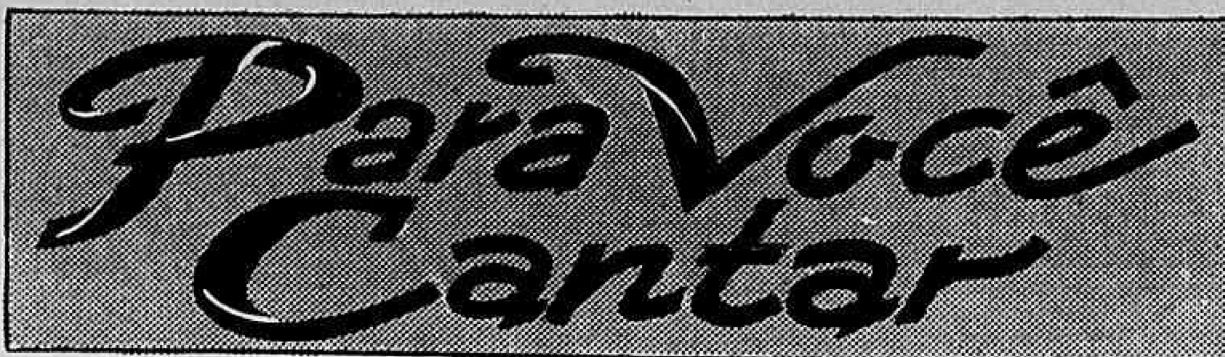
Porém dança com Pierrot até o fim.
Colombina vai ao baile com o Palhaço.
Mas, na hora de ir pra casa,
Ela vai com Arlequim !

★

MORREU O ANACLETO

Samba de Dunga e Paulo Tapajós, gravado por Geraldo Pereira.

Chora o morro inteiro,
Chora sem parar.
Morreu o Anacleto,
Maior sambista de lá.
Era um grande amigo.
Foi um grande pai
Sem êle a escola de samba não sái !



Está de luto todo o morro da Alegria.
O silêncio já no alto é geral...
Não há samba, nem de noite nem de [dia.
Êste ano não se fala em carnaval !

★

DEU SOPA EU APANHO

Marcha de Jair Amorim e Péricles, gravada pelos Vocalistas Tropicais.

Daqui hoje só saio
Levando uma mulher.
Quem tiver a sua
Segure se puder.
Não faço questão de cara
De corpo e de tamanho.
Mulher, deu sopa, eu apanho.

Não tenho a velha gaita
Nem pinta de galã.
Mais uma boa bôca,
Não deixo para amanhã.
Até no Ali Khan eu dou um banho.
Mulher, deu sopa, eu apanho.

★

SOU EU

Samba de Pereira Matos e Ayrton Amorim, gravado por Alcides Geraldi.

Sou eu !... Sou eu !...
Sou eu !... Meu Deus...
Que imploro o teu perdão
Eu confesso, sou culpado.
Mas devo ser perdoado
Porque eu tenho razão.

Sou eu !... Sou eu !...
Meu Deus já vi.
Estou pagando
Por um crime que não cometi.

★

SENHORITA

Marcha de J. B. Bitencourt, Durval Gonçalves e Faisca, gravada por Lúcia Martins.

Oh Senhorita,
Quanta maldade
Condenas o vovô
A suspirar profundamente
Saudoso da mocidade
ô, ô, ô,
Seu sorriso jovial,
Seu andar cadenciado,
Faz até um certo mal
A essa gente do passado.
Senhorita agora é fácil saber
O quanto sofre
A mocidade por você.

★

BARRACÃO

Samba de Luiz Antônio e Teixeira, gravado por Heleninha Costa.

Ai, barracão
Pendurado no morro
Implorando socorro,
A cidade a seus pés.
Ai, barracão
Tua voz eu escuto.
Não te esqueço um minuto
Porque sei, que tu és:

Barracão de zinco,
Tradição do meu país.
Barracão de zinco,
Pobretão, infeliz !

ESTOU FICANDO DOIDA

Marcha de Paquito e Romeu Gentil, gravada por Aracy de Almeida.

Me tira... me tira
O que está comigo.
Estou ficando doida
Meu Deus
Mas que perigo, ôi

Eu já fui ao doutor,
Mas nada resolveu.
Estou desesperada
Quem sente a dor sou eu, ai.

Eu não tenho sossêgo.
Estou arrepiada.
E' um tal de sobe e desce...
Ninguém resolve nada, ôi.

★

MARCHA DO BÔBO

Marcha de Luiz de França, Ubirajara Mendes e René Alexandre, gravada por Roberto Silva.

Pra que bôbo quer dinheiro ?
Pra que bôbo quer mulher ?
Pra que bôbo pede aumento ?
Se o bôbo não sabe o que quer ?

Bôbo é igual ao mico,
Se não fôsse o bôbo
Ninguém ficava rico.
No fundo o bôbo é boa praça
E o mundo sem o bôbo
Não tem graça.

★

GRANDE CARUSO

Marcha de Denis Brean e O. Guilherme, gravada por João Dias.

Eu sou o grande Caruso.
Canto e não tenho rival.
Mas o pessoal despeitado
Me chama de Tenor de carnaval !
La dona é mobile.
La dona é mobile.
Como é de morte um Caruso de ba- [nheiro !
La dona é mobile.
La dona é mobile.
Que vá pro Escala de Milão com seu [berreiro !

★

NA CASA DO ADÃO

Marcha de Haroldo Lôbo, Milton de Oliveira e Badú, gravada por Dircinha Batista.

Na casa do Adão,
Na casa do Adão,
Só entra, só entra,
Mulheres de calção.
Adão nunca pregou,
Nem prega sem estôpa,
E diz que muita roupa
Estraga o cidadão
Se você quiser apreciar um bom pre- [sunto
Se «morou» no assunto
Vai pra casa do Adão.

★

PERDOAR

Samba de Herivelto Martins e Raul Sampaio, gravado pelo «Trio de Ouro».

Perdoar,
Eu não perdôo, não.
Eu estou cada vez mais convencido
De que aquela mulher,
Ai, ai, meu Deus
E' um caso perdido.

Vem arrependida
Implorar perdão.
Volta, erra e por fim
Inda confessa
— Errei sim
Pobre de mim.

MARCHA DO PINTOR

Marcha de Bruno Gomes, Ivo Santos e Airton Amorim, gravada por Jorge Veiga.

Ela critica o meu trabalho e até de- [bocha.
Eu sou pintor e ganho a vida com a [brocha.
Vivo pintando o que não é nada de- [mais
E' a custa desta brocha que ela faz [o seu cartaz

Se alguém pergunta como é que eu [vou passando
Ela responde: está por aí pintando...
Com os meus amigos todo o dia ela [me picha
E eu trepado nas paredes parecendo [lagartixa.

★

POR QUE E' QUE VOCÊ CHORA ?

Samba de Ary Cordovil e Bucy Moreira, gravado por Aracy de Almeida.

Por que é que você chora?
Será que alguém a deixou?
Vem se consolar comigo, amor.
Meu amor também me abandonou.

Você sofre, eu também sofro
A dor cruel da ingratidão.
Vem comigo, vem amor
Vem consolar seu coração.

★

A BANCA DO GUARDA

Batucada de Black-out e Milton Villela, gravada por Black-out.

Um guarda me falou zum, zum, ôpa.
Um guarda me falou zum, zum, ôpa.
Um guarda me falou zum, zum
Que na falta de prêso passa a mão [em qualquer um

Deixa isso pra lá, seu guarda, não [não faça isso,
Sou do samba rasgado e o senhor sa- [be disso.
Vê se mora no assunto, ou então na [jogada,
Que eu não sou de briga, eu sou é de [batucada.

★

MARINHEIRO POPEIE

Marcha de José Sacomani e Roberto Rago, gravada por Ruy Rey.

Sou marinheiro Popeie
Ai, ai, ai.
Homem comigo não vai.
Ai, ai, ai.

No meu navio de pôpa e proa
Garôta boa é quem comanda a guar- [nição.
Porque sou da seguinte opinião:
Barbado é só camarão.

★

COSSACO

Marcha de Carvalhinho, gravada por César de Alencar.

Se o Cossaco
Enche o saco
Que buraco,
Que buraco,
Afinal é muito feio
Ver mais um Cossaco cheio.

Ai !
Geme a Balalaika.
Ai !
Vem de longe o berro.
Pega o abridor de lata
E abre a cortina de ferro.

MARIA — Ah. Parece que é bonzinho...
TIO JUCA (Sorri) — Isso não é nada. Amanhã eu vou mostrar a você as maravilhas do quintal. Cada jaboticaba!...
CLÓVIS — Bem, mas isso fica para depois, Tio Juca. Que venha agora o jantar!
TIO JUCA — Ih, o patrãozinho está com fome, hein? Vamos, então. (Para a menina) — E você vai comigo. De hoje em diante, quem vai tomar conta de você sou eu.
TEÓFILO — Espere lá, Tio Juca. Quem a trouxe fui eu!
HORTÊNSIA — E', mas a casa é minha!
CLÓVIS (Sorrindo) — Está vendo, Maria Angélica?... Você já provocou uma desavença em família!
MARIA (Sorri timidamente) — Então, eu... eu fico sendo de todos!
TEÓFILO — Isso mesmo. Vamos jantar. Depois a gente conversa.

....

TIO JUCA — Ué... já parou, menina?
MARIA — Já. Estou satisfeita.
TEÓFILO — Comeu pouco, Maria Angélica.
HORTÊNSIA — Deve ser por causa da viagem...
MARIA (Tosse)
TIO JUCA — Êiêiê... vai ver que apanhou uma gripe...
MARIA (Tosse) — Desculpem...
TEÓFILO — Hortênsia... arranje alguma coisa para ela tomar antes de deitar.
MARIA — Não precisa não, sr. Teófilo. Isso passa.
TIO JUCA — Passa, se tomar remédio. Se não tomar, vai ficar pior.
TEÓFILO — E'. Isso é o resultado de ficar deitada na relva, com o frio que está fazendo.
HORTÊNSIA — Eu vou arranjar um remédio para você. Mas trate de não apanhar mais friagem.

....

TEÓFILO — Pois bem, Maria Angélica... agora você vai me contar direitinho como foi que isso aconteceu. Sei que você é u'a menina boazinha e que não vai me ocultar a verdade.
MARIA (Medrosa) — Eu não quero mais voltar para casa...
TEÓFILO — Não?... Você está em sua casa... somos seus amigos... Mas os seus pais devem estar preocupados... e o nosso dever é levá-la de volta.
MARIA (Triste) — Papai é bom para mim... estou até com saudade dêle. Mas a mamãe... a mamãe me maltrata muito, sabe?
TEÓFILO — Ahn.
MARIA — Me pôs de castigo numa despensa escura e fria como gêlo!
TEÓFILO — E você achou melhor fugir. (Pausinha) — Bem. Então é êste o problema. Levar você de volta e convencer a sua mamãe de que isso não se faz. Depois...
MARIA (Assusta-se) — Não!... Eu não quero voltar!
TEÓFILO — Não quer voltar?... Mas, minha filha...
MARIA — Não! (Súplica) — Deixe-me ficar aqui, sr. Teófilo. Fiquei gostando tanto de todos... e parece que êles gostaram de mim... Eu não vou incomodar ninguém... posso trabalhar... (Tosse) — posso ajudar em muita coisa... (Ardor) — O senhor deixa?... Eu posso ficar? (Tosse).

RÁDIONOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXI

Depois de haver fugido de casa, Maria Angélica passou a noite perdida na mata, até que, vencida pelo cansaço, conseguiu adormecer. No dia seguinte, quando se julgava abandonada e sem saber para onde seguir, foi encontrada por um sitiante e seu filho que voltavam de carro da cidade, e êles a levaram consigo. No entanto, em sua casa, quando deram pela sua falta...

....

MALVINA (Preocupada) — Eu não sei o que teria acontecido com a Maria Angélica, seá Raimunda. Eu fechei a porta com a chave, tive o cuidado de olhar se estava bem fechada.. e não me separei desta chave um instante sequer!... Que será que aconteceu?
RAIMUNDA (Vai tirar partido) — Ah, não sei, d. Malvina. Não sei. A senhora, que prendeu a menina lá, é que deve saber.
MALVINA — Ela não pode ter fugido, seá Raimunda. Como? De que jeito? Aquela despensa não tem janelas... e pelo teto é impossível. De certo alguém arranjou uma chave igual e abriu a porta para ela! (Cai novamente) — Mas não é possível. E' fechadura muito antiga... e eu sei que não há outra chave igual...
RAIMUNDA — Pois por aí a senhora vê que ninguém ajudou a menina a sair.
MALVINA — E como ela saiu? Como? (Irônica) — Por milagre?
RAIMUNDA (Bateu na tecla) — Como não, d. Malvina?... aquela menina...
MALVINA (Corta) — Eu sabia que a senhora ia dizer isso!... Mas fique sabendo que não creio nessas tolices!... Milagre!...
RAIMUNDA (Conformada) — Está bem. Não quero discutir com a senhora. Mas uma coisa eu digo, d. Malvina. A senhora fechou a menina na despensa, trancou a porta, escondeu a chave... e agora ela não está lá. (Mais para si mesma) — Se ela não aparecer até quando o seu Mendes chegar, Deus me livre! A senhora vai ter que dar conta dela, d. Malvina. O seu Mendes é muito bom... mas quando êle souber do que a senhora fêz com a menina, ai, ai, ai!... Pode se preparar.
MALVINA (Já com mêdo, mas finge) — Ora... que é que êle pode fazer comigo?... Sou mãe e posso educar como quiser.
RAIMUNDA — E'... mas ninguém educa as crianças fechando elas nos quartos! E aquela despensa parece de gêlo. Vai ver que a menina apanhou uma doença e...
MALVINA — Como é que ela apanhou uma doença, se não ficou lá muito tempo?
RAIMUNDA — A gente não sabe...
MALVINA — Ora!

RAIMUNDA — Coitadinha... sempre foi muito doente... muito fraca... e se ela pegar uma doença ruim...

MALVINA — Deixe de mau agouro, seá Raimunda!... A senhora fala como se isso fôsse uma coisa do outro mundo!

RAIMUNDA (Entendeu outra coisa) — Pois eu não duvido não, d. Malvina. Tudo pode acontecer.

MALVINA — Já vem a senhora outra vez com os milagres!... Olhe, seá Raimunda...

JORGE (Vindo) — Mamãe... mamãe...

MALVINA — Que é, Jorge?

JORGE — Mamãe... êles estão falando...

MALVINA (Pausinha) — Falando o que?... Por que não diz logo?

JORGE — Ora... é da Maria Angélica!... Todo mundo já sabe que ela saiu da despensa com a porta fechada...

MALVINA (Irônica, para d. Raimunda) — Sim... já sei. Nós temos aqui em casa uma boa fonte de informações... Basta acontecer alguma coisa, para que a cidade inteira saiba na mesma hora!

RAIMUNDA (Reage) — E' de mim que a senhora está falando?

MALVINA — E de quem mais poderia ser?... Quem é que vai bater língua na vizinhança sempre que se dá (frisa) um milagre em nossa casa?

RAIMUNDA — Ora, d. Malvina... não é tanto assim.

MALVINA (Pausinha) — Que mais, Jorge?

JORGE (Sem jeito) — Ora... muita coisa, mamãe... às vêzes a gente escuta. Mas para mim êles não falam, não!...

....

VOZ — Viu só?... Eu sempre achei que ali havia arte do Cão!

HOMEM (Cético) — Não sei. Não acredito muito nisso não.

VOZ — Mas a gente precisa acreditar! Então foi ela que deu sumiço na menina!

HOMEM — Bom, aí o caso é outro. Nisso a gente pode acreditar...

....

VOZ I — Será que aquela mulher teve coragem para tanto?

VOZ II — Quem sabe?... Ouvi dizer que ela não gostava da menina... que vivia maltratando-a...

VOZ I — E'. Eu também sabia. Imagine... tudo deu de acôrdo. O marido viajou... e ela aproveitou a ocasião para acabar com a coitadinha...

VOZ II — Coitadinha?... Que nada! Aquilo tinha o Bicho Mau no corpo. Não viu o que ela fêz com aquêle menino? Foi só entrar no quarto dêle e o pobrezinho morreu!

....

FARMACECEUTICO — Que diz a isso, dr. Macedo?

DR. MACEDO — Não sei. Para ser franco, não creio em coisa alguma. Nem que a menina fugiu do quarto fechado, nem que a d. Malvina lhe fêz algum mal.

FARMACEUTICO — Bem... tudo isso é absurdo... mas nós temos que considerar a opinião do povo.

DR. MACEDO — (Desdém) — O povo! Que é que o povo sabe?... Sabe acordar a gente alta hora da noite para ver um caso de dor de cabeça!... Sabe ir ao consultório se queixar de coisas sem importância e depois acabar dizendo que paga a consulta no fim do mês. Hum! para essa gente, o fim do mês não existe. Ser médico nesta terra é o que há de pior no mundo...

FARMACEUTICO — E eu, meu caro?... O sr. dá a receita... um pedaço de papel com rabiscos. E os remédios?... Os remédios saem daqui... e as contas ficam para o fim do mês.

DR. MACEDO — O fim do mês que não existe... Mas nós estamos fugindo ao assunto. Que diz o senhor boticário do caso dessa menina?

FARMACEUTICO — Eu sou mais positivo, dr. Macedo. Creio que a evidência está nos dizendo.

DR. MACEDO — Sim. E daí?

FARMACEUTICO — Ora, está muito claro. A mãe não gosta da menina... e acredita em feitiçaria. Logo...

DR. MACEDO — Sei lá. O fato é que a garôta sumiu... e deve estar nalguma parte. Isso é o que a gente não pode negar...

....

Enquanto êsses acontecimentos se desenrolavam em sua cidade natal, Maria Angélica chegava à casa do sr. Teófilo e de seu filho Clóvis, que tão bondosamente a acolheram quando ela se achava perdida na estrada.

....

TEÓFILO — Pois aqui estamos, Maria Angélica. A casa é sua.

MARIA — Obrigada.

CLÓVIS — E não gostamos de cerimônia, hein?

TEÓFILO — E'. Nada de cerimônias.

CLÓVIS — Aí vem a mamãe. Você vai conhecê-la.

HORTÊNSIA (Vindo — Jovial) — Então, hein?... Chegam de viagem e nem ligam para mim!

CLÓVIS — A sua bênção, mamãe.

HORTÊNSIA — Deus o abençoe, Clóvis. Fizeram boa viagem, Teófilo?

TEÓFILO — Boa. Sem novidades. Veja o que trouxemos.

HORTÊNSIA (Surprêsa) — Oh... quem é?

TEÓFILO — Veio passar uns dias conosco. Maria Angélica, esta é Hortênsia... minha espôsa.

MARIA — Muito prazer.

HORTÊNSIA (Sorri) — Engraçadinha, não? Ih, mas está com a roupa em péssimo estado. Onde andou, meu bem?

MARIA — Eu?... Eu...

TEÓFILO — Ora, nada de perguntas indiscretas por enquanto. Vamos tratar primeiro de um bom jantar, pois estamos famintos!

CLÓVIS — Assim é que se fala, papai. Mamãe... cumpra as ordens superiores!

HORTÊNSIA — Ih, mas a menina está tôda empoeirada... precisa ao menos trocar de roupa primeiro!

TIO JUCA (De longe) — O jantar está na mesa, patrão!

TEÓFILO — Já vamos, Tio Juca. Olhe... mais um talher... temos convidado.

TIO JUCA (Vindo) — Quem é? (Surprêsa, enlevado) — Oh, que betezinha! Benza Deus!... Como é o seu nome, meu bem?

MARIA — Maria Angélica.

TIO JUCA — Como?... Maria Angélica? (Sorri) — um anjo como você só podia chamar assim...

TEÓFILO — Maria Angélica... êste é o Tio Juca... velho amigo da casa.

SINTONISANDO

"PARADA DE SUCESSOS" — Rádio Guanabara — Sábado — Rara é a emissora guanabarina que, hoje em dia, não tem a sua "parada de sucessos", que é assim como uma espécie de "hit parade" verde-amarela. A Mayrink, a Nacional ("Programa César de Alencar") e a Globo apresentam programas no gênero bem interessantes, notando-se, em alguns dêles, a honestidade de bem informar aos sintonizadores as músicas que estão sendo preferidas pelos discófilos. Entretanto, ao ouvirmos pela primeira vez essa audição da veterana PRC-8, sentimos algumas dúvidas sôbre se os seus organizadores teriam, mesmo, consultado as lojas de discos da metrópole para auferir dados exatos sôbre a venda das gravações. Isto porque, melodias que realmente estão sendo procuradas com avidez pelo público — "Marcha do Conselho", "Se eu errei", etc. — não figuraram entre as primeiras colocadas, sendo assim uma espécie de Bonsucesso da música popular. Dá até a impressão que o responsável pela "Parada de sucessos" está a serviço de um grupo de autores, coisa que não queremos nem de leve acreditar. Cotação: **má.**

JÔGO VASCO E FLUMINENSE — Rádio Tupi — Domingo — Fazendo a transmissão dêsse prélio, Wolner Camargo, que na Globo irradiava as pelejas de aspirantes, fêz a sua estréia como titular do departamento de esportes do "Cacique do ar". Dono de uma dicção interessante, com um timbre vocal agradável, o jovem locutor peca, entretanto, em engrolar as palavras vez por outra (notadamente quando o "match" se torna mais movimentado). Bem auxiliado por Oliveira Salazar, Domingos Araújo e Waldir Wey, a sua estréia não foi qualquer coisa de excepcional, mas também não foi má, embora em algumas ocasiões tivéssemos a nítida impressão que êle estava torcendo pelo Vasco. Os comentários de Fernando Bruce foram equilibrados e justos. Cotação: **regular.**

ALEGRIA DA RUA — Rádio Mayrink Veiga — Segunda-feira — Embora tenha caído um pouco o nível de humorismo dêsse programa, convém ressaltar que algumas de suas partes — como a das nortistas e do empregado que sempre deseja sair cedo — prosseguem no mesmo ritmo delicioso. **Antônio Maria faz jus, assim, a novos e merecidos elogios, pois seus "scripts" (embora com altos e baixos) conseguem fazer rir. Os intérpretes, com Nancy Wanderley e Matinhos em primeiro plano, defenderam com grande classe os seus papéis, provocando grandes gargalhadas com os tipos que criaram.** Cotação: **boa.**

PROGRAMA DE AUDITÓRIO — Rádio Mauá — Sábado — **José Augusto, locutor que não desagrada quando fala fechado num estúdio, é um desastre como animador de programas, segundo depreendemos dessa audição êle comanda na "emissora do trabalhador". Sem capacidade para improvisar, sem méritos para dominar o auditório, grita, esgoela-se, dá até a impressão que fica descabelado de tanto pedir "Atenção! Atenção!", e não consegue o seu objetivo. Além disso, quando o Zé grita para impor um pouco de ordem entre os assistentes do programa, a sua voz perde a masculinidade, tornando-se o contrário justamente daquela com que êle se apresenta em "Ritmos matutinos". Para que não pense que estamos sendo injustos ao bordarmos êstes comentários, e Zé Augusto deve, no seu próprio interêsse, gravar um de seus programas de auditório, a fim de verificar como se torna ridículo nessas ocasiões e tome a decisão mais acertada de sua vida: jamais comandar programas de auditório. Cotação: Má.**

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

A VOLTA DE MARIA VITÓRIA

Vocês precisavam ter assistido ao regresso de Maria Vitória à Rádio Nacional. Ela estava muito elegante, trajando um belo vestido estampado, com um corte de cabelo ousado e um sorriso bonito enfeitando seu rostinho. As fãs não a deixaram um só momento e, à sua saída, ali na Praça Mauá, fizeram um cêrco em tôrno do seu carro. Foi um sucesso, leitores.

Sabem quem é a Maria Vitória? A Marlene, ora essa...

ÊLES ESTÃO DE BEM

Disseram por aí que Luis Gonzaga tinha brigado com seu irmão Zé Januário Gonzaga. E' mentira. Êles estão mais unidos do que nunca, pois o «Lua» e D. Helena (sua espôsa) foram os padrinhos do casamento do irrequieto Zèzinho.

A CEGONHA ESTÁ CHEGANDO...

Wellington Botelho não cabe em si de satisfação, pois recebeu um aviso que, brevemente, a cegonha visitará sua residência. O festejado cômico da Rádio Nacional está torcendo para que seja um menino, mais robusto do que o pai, para pôr-lhe o nome de Wellington Botelho Júnior. Que amor!

CUIDADO, PAULO MAURICIO

Disseram à Tia Laura que o bonitão Paulo Maurício estava de amor ferrado com uma encantadora colega. Eu não acreditei, pois conheço o rapaz desde o tempo em que êle filmou «Vendaval Maravilhoso» e sei que êle já entregou o seu coração a uma pequena do outro mundo. Em todo o caso, registro o que dizem por aí para servir de lembrete ao popular artista da Tupi.

MAIS OUTRO...

Há, também, um animador de programas que está pondo as manguinhas de fora. Apesar de casado, êle mantém encontros furtivos com determinado brotinho (de família endinheirada) que lhe dá uma porção de presentes. Assim, é raro o dia em que êle não aparece com uma novidade em casa...

TIA LAURA

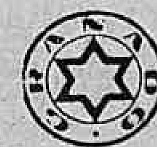
TRADIÇÃO



ÁGUA INGLÊSA GRANADO

• Aperitiva
• Tônica
• Fortificante





ROBERTO PAIVA AVISA...

(Cont. da pág. 26)

Diante dessa afirmativa, o sorriso desapareceu dos rostos de Paquito e Romeu Gentil, e êles, embora já soubessem da sabotagem contra a sua composição, passaram a ouvir as declarações do cantor com interêsse redobrado.

— Imagine — é Roberto quem retoma a palavra — que há algumas das chamadas «paradas de sucesso» que teimam ostensivamente em não colocar a marcha entre as primeiras colocadas na relação das músicas mais vendidas!

O repórter não quis acreditar. Mas quando Paquito puxou do bôlso uma lista dêste tamanho com o depoimento dos responsáveis pelas lojas de discos da cidade, não teve outro remédio.

— Mas não é só isso — prosseguiu o cantor do «Cacique do Ar» — o sucesso dessa música tem sido tão grande que até dos Estados Unidos — e o Júlio Louzada está para não me deixar mentir — têm chegado cartas à Rádio Tamoio pedindo a remessa da letra.

Uma pausa, Roberto toma fôlego e continua:

— Ainda tem mais: a «Marcha do Conselho» obteve tal êxito no interior que, em muitas cidades mineiras, segundo o depoimento de diversos conhecidos a sua gravação tem sido vendido no câmbio-negro.

Abelardo «Chacrinha» Barbosa, que vinha chegando, juntou-se ao grupo e lançou uma pergunta para a qual muita gente não encontra resposta:

— Se a música não foi **trabalhada** nem aqui nem no interior, como se justifica êsse sucesso espetacular?

Depois de apoiar o aparte, feliz sem dúvida, do animador da Tamoio (onde Roberto canta todos os sábados, no «Vesperal das Moças»), o nosso entrevistado finalizou a entrevista com um desabafo:

— Diante disso tudo, não compreendo por que alguns elementos teimam em querer sabotar a «Marcha do Conselho».

A Revolta dos...

(Cont. da gág. 12)

apaches, se lançam à guerra. Vendo a situação comprometida e sua vida em perigo, Mescal Jack vai à procura de Jerônimo para que o proteja, mas se encontra com Cochise que manda que o matem. Depois de repelir vários ataques ferozes, Colton decide abandonar o forte Buchanan e se retira com sua tropa rumo ao forte Sheridan. No Passo dos Apaches, Cochise e Jerônimo o aguardam de emboscada. Trava-se uma sangrenta luta na qual os soldados levam a pior, pois os índios dominam as alturas e saídas do desfiladeiro. Colton manda então abrir fogo com seus quatro canhões, espalhando a morte entre os índios. Ao ver que um fragmento de metralha feriu Nona, Cochise agita uma bandeira branca e se apresenta à Colton para pedir-lhe assistência médica para sua companheira.

Jerônimo vê com maus olhos esta ação de Cochise e não obstante ter consentido uma trégua, ordena a seus homens que continuem disparando. Para suspender as hostilidades, Cochise volta a seu campo e trava uma luta de morte com Jerônimo, perdoando-lhe a vida depois de vencer Quando volta para o lado de Colton, êste lhe mostra o filho que Nona acaba de ter. A coluna segue sua marcha e Colton e Cochise apertam as mãos ao mesmo tempo que fazem votos para a volta da paz. Em meio de tão trágicos acontecimentos, a chama do amor prendeu os corações de Mary e Colton e os dois, enamorados, prometem unir suas vidas.

Carlos Galhardo voltou...

(Cont. da pág. 28)

GALHARDO VOLTARÁ

Apesar de não haver uma imprensa especializada em Portugal, sendo pouca a publicidade dada em tôrno dos artistas, Carlos Galhardo obteve um êxito invejável e conquistou o exigente público português. Indagamos da possibilidade de seu retôrno a Portugal.

— Pretendo voltar daqui a um ano. Desta vez, porém, irei sòzinho. E' muito mais interessante, sob todos os aspectos. Pretendo excursionar, ainda, pela Espanha, França, Itália, etc. A Europa quer nossas músicas, veja bem, interpretadas por cantores brasileiros e não por alguns aventureiros estrangeiros que deturpam de maneira torpe nossos ritmos, tornando-os irreconhecíveis. Tenho certeza que o velho continente receberá de braços abertos a nossa música e seus verdadeiros intérpretes. Disto não tenho dúvida — afiançou o criador de «Sonhos azuis».

A MORTE DE CHICO ALVES

Francisco Alves e Carlos Galhardo eram grandes amigos. Quando da partida dêste, Chico deu-lhe dois discos em acetato com duas canções que havia composto dias antes com o jornalista David Násser para que Galhardo os interpretasse em Portugal. Não tivera tempo em musicá-la, daí êste seu expediente. Juntamente com os sambas, Chico fazia uma saudação ao colega e amigo que mais parecia uma despedida agourenta.

Conta-nos Galhardo:

— Cheguei a Lisboa no sábado em que Chico havia morrido. Nada soube. Só na segunda-feira foi que li num jornal a nota com o seu retrato. Fiquei chocado. Não acreditei. Como louco, telefonei para o Brasil, tentando receber um desmentido. Infelizmente era verdade. Nesta mesma noite, durante o espetáculo de nossa Companhia, fiz tocar as duas gravações e expliquei ao público o motivo desta atitude. O Brasil perdera seu maior cantor e eu um grande amigo.

SAUDADES

Emocionado, Carlos Galhardo toma o copo esquecido sôbre a mesa e sorve um largo trago. Levanta-se da poltrona, dá umas voltas pela sala e retoma o lugar. Procuramos desviar a conversa, fazendo «blague». Dissemos que voltara com uma pronúncia acentuadamente lisboeta. Sorrindo retrucou:

— De fato, Lisboa deixou-me saudades. Mas, minha família, meus colegas, esta cidade encantadora, são motivos fortes de mais. Apesar do sucesso e da simpatia dos portuguêses, minhas nostalgias eram imensas. Aqui tenho tudo que mais amo em minha vida e não trocaria o Rio por nada, meu amigo.

GRANDE HOMENAGEM

Já nos despedíamos de Carlos Galhardo quando êle nos convidou para a grande recepção que Manoel Barcelos lhe ofereceu em seu programa. Aceitamos o convite e pudemos ver de perto o quanto êle é querido pelos fãs.

Escrava de si mesmo...

(Cont. da pág. 8)

decisiva para a construção e estruturação da atmosfera de insanidade e loucura e no grifar o suspense conseqüente desta atmosfera.

Além desta impecabilidade formal, de mise-en-scenne por assim dizer, o filme contando um fato anormal, verossímil — tudo o é neste negro pedaço de terra — mas pouco comum, consegue ser, não sòmente verídico psicològicamente, coisa que não conseguiu ser a obra citada por todos os críticos nesta semana — "Calúnia", de Tay Garnett, mas tem situações convincentemente loucas e, por isso, profundamente tocantes e humanas, dado o grau monstruosamente humano das insanidades mentais.

Bons desempenhos da dupla Lupino-Ryan. O estreante Harry Horner, com um grande futuro diante de si.

João Gangorra...

(Cont. da pág. 8)

lembra o bom ator (talento) e o bom diretor (inteligência) que vimos na peça «Massacre». Liana Durval não compromete: tem um palmo de cara engraçadinho e, assim, de longe, através da desorientação de Pieralisi parece ser maleável.

Há entretanto alguns momentos de hilariedade (no açougue e na chegada do bispo — o irônico engano com os porcos e os cochichos no ouvido num ótimo jeito de farsa). Há ainda a criticar (e aqui, violentamente) ao compositor da música, que é tão ruim, tão ruim que se torna irritante, além de cobrir diálogos, e imprescindíveis silêncios musicais.

O público e nós rimos por alguns momentos. Mas nos chateamos em grande parte de outros. As massas que lotaram as casas, prestigiando o nosso cinema, demonstram que êle já é um fato, queiram ou não os recalcados e frustrados que ficaram à margem.

Eva na Marinha...

(Cont. da pág. 8)

Conseqüências do filme:

Mas êste filme tem ainda a desvantagem de não ser inócuo e inofensivo como o são os demais. Êle é nocivo e, mais do que isto, não é ingênuo como os outros. Êste tem orientação, tem meta, tem objetivos «filosóficos», tem uma missão a cumprir — subverter totalmente um novo valor conquistado (como seja a maior participação da mulher nas atividades cotidianas ou bélicas), mostrando-a masculina, tomando tôda iniciativa nos casos amorosos. E esta subversão de valores não é somente social, mas acima de tudo é humana. O filme é asqueroso e nojento, quando mostra aquelas meninas da Marinha saindo masculinamente à cata de homem (a cata de macho, como o fazem as espécies animais irracionais). Chegaram até a inserir um número musical relacionado com esta **necessidade!** Com um filme dêstes, ÊLES destroem não a fragilidade feminina como alegariam, mas tentam modificar a poética, deliciosa e verdadeira condição passiva da mulher, de ser que é abraçado, e não o que abraça.

Além do mais, (será que não basta meu Deus?) o filme tenta transmitir a mensagem de que a guerra, ou como no caso, o serviço feminino de guerra, é a solução para tôdas as frustrações sentimentais e sociais, para todos os desajustamentos desta desajustadíssima sociedade. E que côres rosadas êles usaram para pintar o serviço naval feminino! Parece até um colégio para moças aristocráticas!...

Que engôdo, que remédios, que tristeza ver o ponto a que chegou êste triste mundo louco!...

Cine Mundial

(Cont. da pág. 13)

FRANÇA

E' tão sólido o sucesso do filme de Chaplin «Luzes da Ribalta» na Europa que sòmente na França as despesas de custo do filme já foram inteiramente superadas.

MÉXICO

Chegou ao México o ator Jorge Mistral que será companheiro de Maria Felix no filme «Camélia», Jorge chegou entusiasmado com a beleza da paisagem carioca e fala com ótimas referências do Rio de Janeiro, prometendo voltar ao Brasil por ocasião da estréia do filme «O Direito de Nascer».

QUÉDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

De fã a estrêla...

(Cont. da pág. 19)

carreira. Em 1948, Debbie entrou num concurso para a eleição de "Miss Burbank" (o bairro onde mora em Hollywood) e graças à sua imitação de Betty Hutton — ganhou não só o certame como um contrato cinematográfico na Warner. Mas ela contava, na ocasião, apenas 16 anos e raros eram os filmes em que poderia ser aproveitada. Fêz aquêle pequeno papel em "Vocação Proibida" e depois ficou, por algum tempo frequentando sòmente a escola dos estúdios, sem receber o menor ordenado. Um dia, à aproximação do Natal, sem dinheiro para comprar todos os presentes que desejava dar à sua família. Debbie resolveu arranjar um emprêgo para ganhar alguns dólares. Quando o chefe do "casting office" da Warner telefonou para a sua casa chamando-a para um "test" de dança, a sra. Maxene Reynolds — mãe de Debbie — respondeu: "Minha filha está trabalhando."

— "Trabalhando onde?!" — berrou o chefão do estúdio. — "Ela é uma atriz e está sob contrato conosco!"

A sra. Maxene explicou então, que Debbie poderia ser encontrada no balcão de utensílios culinários da "Newberry's" em Hollywood Boulevard das "lojas dois mil réis", como eram chamadas no Brasil. Debbie teve que ouvir um grande "sermão" na Warner, ao fim do qual, ela aprendeu que devia se dar o devido valor: "uma candidata ao "estrelato" nunca deveria ocupar certas posições que a vulgarizassem perante os olhos do público... e, muito menos, vender panelas numa loja popular, quando possuía um contrato cinematográfico com um dos maiores estúdios de Hollywood...

— Mas se eu precisava de dinheiro e não me davam papéis nos filmes, não vi mal algum na minha atitude! — diz Debbie. — Faria o mesmo hoje. Aliás, acho uma tolice êsse "cuidado" dos estúdios com as suas atrizes. Pretendo ter o maior contato possível com os meus fãs mesmo porque eu também continuo sendo fã de muita gente e aprecio as atenções que meus favoritos têm para comigo.

Debbie — que se chama na realidade Mary Frances Reynolds — resolveu entrar naquele concurso "Miss Burbank" por insistência das colegas de escola que adoravam suas imitações de artistas famosos.

— Por minha própria iniciativa, eu nunca teria concorrido a concurso algum, pois achava a carreira cinematográfica algo inatingível, — confessa a estrelinha à repórter de "A CENA". Atualmente satisfeitíssima com o seu súbito e merecido sucesso, ela só desaprova da sua vida de artista o fato de muitas vêzes ter que se vestir a rigor. Debbie é uma criatura simples que já foi líder de escoteiros, aprendeu a tocar trombone, e, ao invés de jantar no "Mocambo", prefere apanhar uma cesta cheia de cachorros-quentes e ir de "blue-jeans" fazer um piquenique em Malibu...

— Além disso, detesto festas cerimoniosas, em que a dona de casa fica tão preocupada em ser uma boa anfitriã que até se esquece de divertir-se com os convidados! — acrescenta a "estrelinha".

— E quando será você uma dona de casa, Debbie? — perguntamos-lhe com uma "velada" indireta ao seu propalado romance de amor com Robert Wagner, o jovem artista da Fox que vocês viram em "Uma Canção no Meu Coração".

— Bem... jurei não me casar até completar, no mínimo, 23 anos, — responde Debbie. — Foi uma aposta que fiz com algumas colegas do colégio. Se eu me casar antes dessa idade, terei que pagar tanto dinheiro que não acho compensador... Ademais, quero ter bem a certeza do que estarei fazendo, pois sou das que não acreditam em divórcio.

Seu "romance" com Bob Wagner, ela explica da maneira mais simples:

— Até há pouco tempo eu não gostava de sair com rapazes porque meu maior divertimento é ir ao cinema, comprar um pacote de pipocas, tirar meus sapatos e assistir confortàvelmente ao filme. Ora, muitos rapazes acham essa atitude pouco própria para u'a moça e, se há coisa que não farei, é modificar minha personalidade. Ao lado de Bob, sinto-me "eu mesma", pois êle não se importa que eu faça o que bem entender, também adora cinema e até me ajuda a procurar os sapatos depois do espetáculo...

Debbie conta-nos ainda que, até há pouco tempo pretendia ter 6 filhos quando se casasse, mas, desde que viu os problemas (sarampo, coqueluche, etc.) que seu irmão Bill tem passado com sua sobrinha Gail, de um ano, resolveu apenas "adotar" um... macaquinho! Antes de casar-se, Debbie tem um grande plano para um futuro bem próximo:

— Combinei com Camille Williams, minha ex-colega de escola, que assim que completarmos 21 anos, iremos as duas a Paris! Essa vontade de conhecer a cidade-luz, vem desde a nossa infância e de minha parte, aumentou quando fiquei amiga de Leslie Caron, essa excelente bailarina que Gene Kelly descobriu. Acho que Leslie é um verdadeiro cartaz de propaganda da França, pois simboliza graça, cultura, sensibilidade artística e um "charme" irresistível.

De si própria, Debbie ainda acha que tem muito o que aprender. Continua tomando lições de dança e canto no próprio estúdio e frequentando as "pre-views" quase que diárias que são dadas para a imprensa. Ela não pretende imitar ninguém, mas acha que a melhor escola ainda é o próprio cinema... e, através dos erros dos outros fica apta a corrigir a si mesma. Não existe pessoa alguma que após assistir "Cantando na Chuva" não se tenha tornado fã de Debbie Reynolds. Seu prestígio já está, assim, definitivamente solidificado não como uma nova Judy Garland, mas como a substituta de Judy Garland. E a Metro, que sabe o tesouro que tem nas mãos com uma jovem talentosa como Debbie, não a deixará escapar enquanto não a colocar no lugar que realmente merece.

DECIDA-SE DE UMA VEZ!

SEXUAIS (POPULARES)

Nº 164 - TESTES DE MASCUL. E FEMINILIDADE .. CR$15,00
Nº 67 - ESTIMULANTES SEXUAIS 15,00
Nº 5 - GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE 15,00
Nº 4 - COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS 15,00
Nº 6 - VIGOR SEXUAL 20,00
Nº 2 - TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL 20,00
Nº 87 - MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS 20,00
Nº 18 - COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA 15,00
Nº 95 - ANORMALIDADES SEXUAIS.............. 20,00
Nº 125 - PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO 20,00
Nº 126 - PSICOSSEXUALIDADE.................. 20,00
Nº 127 - HÁBITOS SEXUAIS DO HOMEM.......... 20,00
Nº 3 - FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO ... 15,00
Nº 145 - TIMIDEZ SEXUAL 20,00
Nº 7 - DICIONÁRIO MODERNO DO SEXO E AMOR . 15,00
Nº 06 - PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS.... 15,00
Nº 130 - SEXO E PSICANÁLISE.................. 20,00
Nº 91 - ESTUDOS SÔBRE O AMOR E O SEXO 15,00
Nº 92 - CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL......... 15,00
Nº 166 - EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS 20,00
Nº 174 - MANUAL DA VIDA SEXUAL 20,00
Nº 160 - ENFERMIDADES SEXUAIS 20,00
Nº 191 - A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL 20,00

EDIÇÕES POPULARES

Nº 122 - DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES .. CR$15,00
Nº 93 - A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO......... 15,00
Nº 124 - PARA CONQUISTAR AS MULHERES 20,00
Nº 136 - PARA CONSQUISTAR OS HOMENS 20,00
Nº 9 - DICIONÁRIO DA MITOLOGIA............ 15,00
Nº 80 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - I VOL. ... 15,00
Nº 144 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - II VOL. ... 15,00
Nº 189 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - III VOL. ... 15,00
Nº 88 - DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - I VOL.. 15,00
Nº 8 - DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - II VOL.. 15,00
Nº 169 - ANEDOTAS............................ 15,00
Nº 185 - CONTOS DO VIGÁRIO, Pulo dos Nove, etc. 15,00
Nº 165 - DECLARAÇÕES DE AMOR 15,00
Nº 155 - OS TRÊS MOSQUETEIROS(em quadrínhos).. 15,00

APERFEIÇOAMENTO PESSOAL

Nº 139 - COMPLEXO DE INFERIORIDADE......... CR$20,00
Nº 23 - COMO SE FAZER AMAR................ 15,00
Nº 33 - SEGRÊDOS DE HOLLYWOOD............ 20,00
Nº 82 - DESENVOLVA A MEMÓRIA 10,00
Nº 149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL 15,00
Nº 153 - FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO ... 15,00
Nº 156 - ASSIM SE EMAGRECE COMENDO 15,00
Nº 161 - CONQUISTE AMIZADES 15,00
Nº 159 - APRENDA A VIVER 15,00
Nº 59 - SEMPRE JOVEM E BELA................ 30,00
Nº 167 - FILOSOFIA DA VIDA E DO PRAZER 15,00
Nº 170 - APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE 15,00
Nº 172 - PRÁTICAS DO EXISTENCIALISMO......... 15,00
Nº 182 - REGRAS PARA VENCER NA VIDA 15,00
Nº 183 - CONSTRÓI A TUA PERSONALIDADE...... 15,00
Nº 186 - VOCÊ SABER CONVERSAR?............. 15,00
Nº 192 - 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS 15,00

LITERATURA POPULAR

Nº 131 - SENSUALIDADE - I VOL. .... CR$20,00
Nº 132 - SENSUALIDADE - II VOL. 20,00
Nº 35 - A DAMA DE ESPADAS (E CONTOS)....... 10,00
Nº 81 - CENAS DE AMOR(dos melhores romances) . 10,00
Nº 65 - O BANHO, O BEIJO E OUTROS CONTOS .. 15,00
Nº 17 - MORTES CURIOSAS E ESTRANHAS 10,00
Nº 63 - OS SEIS NAPOLEÕES (E CONTOS) 10,00
Nº 128 - BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES.. 15,00
Nº 140 - A CARNE — Julio Ribeiro 25,00
Nº 28 - SELEÇÕES DE RUY BARBOSA 15,00
Nº 178 - GRANDES CORTESÃS - I VOL. H. de Kock 15,00
Nº 179 - QUO VADIS — H. Sienkiewicz 15,00
Nº 180 - NANÁ — Emile Zola 15,00
Nº 215 - A BESTA HUMANA — Emile Zola 15,00
Nº 181 - O RETRATO DE DORIAN GRAY — O. Wilde. 15,00
Nº 200 - GALERIA DE BRASILEIROS ILUSTRES.... 15,00

CARTAS

Nº 143 - MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS ..... CR$15,00
Nº 162 - FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA ... 15,00
Nº 163 - MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS ... 15,00
Nº 90 - MODELOS DE CARTAS P/TODOS OS FINS. 15,00
Nº 20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR 15,00
Nº 21 - CORRESPONDÊNCIA AMOROSA 15,00

DIDÁTICOS E PORTUGUÊS

Nº 69 - CERTO OU ERRADO? Português .... CR$15,00
Nº 26 - ERROS DE PORTUGUÊS E S/CORREÇÕES . 15,00
Nº 37 - FORMULÁRIO DE MATEMÁTICA........ 20,00
Nº 27 - FALA E ESCREVE CORRETAMENTE 15,00
Nº 89 - VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO de Bolso . 40,00
Nº 168 - A ORTOGRAFIA CORRETA 15,00

AUTOMÓVEL

Nº 36 - MANUAL DO MOTORISTA .... CR$15,00
Nº 138 - ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL 15,00
Nº 141 - APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO 15,00
Nº 188 - GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMOVEL.... 15,00

ARTE e DESENHO

Nº 70 - A ARTE DE DESENHAR - (GERAL) ..... CR$ 30,00
Nº 71 - A ARTE DE DESENHAR - (CABEÇAS) .. 30,00
Nº 72 - A ARTE DE DESENHAR - (ANIMAIS)... 30,00
Nº 42 - A ARTE DE DESENHAR A MULHER 30,00
Nº 75 - DESENHO À BICO DE PENA 30,00
Nº 76 - ESTILOS ARTÍSTICOS(Como reconhecê-los) 30,00
Nº 44 - DESENHO DE LETRAS 30,00
Nº 1 - O NU ATRAVÉS DA ARTE 20,00
Nº 40 - RESIDÊNCIAS BRASILEIRAS 40,00

POESIAS

Nº 84 - POESIAS DE GONÇALVES DIAS .... CR$10,00
Nº 175 - AS PRIMAVERAS — Casimiro de Abreu ... 10,00
Nº 176 - CANÇÕES DO EXÍLIO — Casimiro de Abreu 10,00
Nº 121 - OS ESCRAVOS — Castro Alves.......... 10,00
Nº 46 - ESPUMAS FLUTUANTES — Castro Alves . 10,00
Nº 60 - HINOS DO EQUADOR — Castro Alves..... 10,00
Nº 142 - CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — C.Alves 10,00
Nº 148 - ENCANTOS DA MULHER NUA (Poesias).. 15,00
Nº 53 - DICIONÁRIO DE RIMAS................ 15,00
Nº 171 - APRENDA A FAZER VERSOS 15,00
Nº 154 - TROVAS E MODINHAS POPULARES 15,00
Nº 177 - SUCESSOS MUSICAIS (Sambas e Valsas) .. 15,00

LÍNGUAS

Nº 31 - ESPANHOL EM QUADRINHOS .... CR$12,00
Nº 30 - ALEMÃO SEM MESTRE 12,00
Nº 24 - ITALIANO SEM MESTRE................ 12,00
Nº 25 - FRANCÊS SEM MESTRE................ 12,00
Nº 32 - YES SIR!- INGLÊS SEM MESTRE......... 12,00

ESPORTES

Nº 176 - GUIA DE MASSAGENS NOS ESPORTES ... CR$15,00
Nº 135 - NATAÇÃO SEM MESTRE 15,00
Nº 129 - JIU-JITSU SEM MESTRE 15,00
Nº 137 - HABILIDADES E PROEZAS 15,00
Nº 190 - REGRAS OFICIAIS DO FUTEBOL 15,00
Nº 211 - REGRAS OFICIAIS DO BASQUETEBOL ... 15,00
Nº 173 - REGRAS DO FUTEBOL DE MESA......... 15,00

CURIOSIDADES-MÁGICAS-PASSATEMPOS

Nº 123 - TÁTICAS DO XADREZ.................. CR$15,00
Nº 51 - REGRAS DOS JOGOS DE CARTAS 15,00
Nº 157 - COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS.. 10,00
Nº 22 - QUEBRA-CABEÇAS,MÁGICAS, PASSAT... 15,00
Nº 150 - CURIOSIDADES E EXTRAVAGÂNCIAS ... 15,00
Nº 151 - FATOS CURIOSOS E INACREDITÁVEIS .. 15,00
Nº 158 - APRENDA A FAZER MÁGICAS 15,00
Nº 34 - TESTES PARA OS S/CONHECIMENTOS .. 15,00
Nº 78 - TESTES DE INTELIGÊNCIA 10,00

OCULTISMO

Nº 194 - O VERDADEIRO LIVRO DE S. CIPRIANO .. CR$15,00
Nº 94 - A SANTA CRUZ DE CARAVACA 15,00
Nº 12 - COMO INTERPRETAR OS SONHOS........ 10,00
Nº 11 - AS CHAVES OCULTAS DO PODER 15,00
Nº 13 - COMO LER OS PENSAMENTOS........... 15,00
Nº 14 - COMO LER AS MÃOS.................. 15,00
Nº 10 - ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA. 15,00
Nº 39 - COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS... 15,00
Nº 64 - GRAFOLOGIA PRÁTICA 15,00
Nº 152 - OS SONHOS, O RISO E AS MULHERES 10,00
Nº 15 - HIPNOTISMO PRÁTICO................ 15,00
Nº 147 - MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR 15,00
Nº 198 - AS CHAVES DE SALOMÃO 15,00
Nº 197 - HOROSCÓPIOS PARA TODOS............ 15,00

COZINHA-RECEITAS

Nº 79 - A COZINHA FRANCESA .... CR$10,00
Nº 85 - A ARTE DE FAZER DOCES 15,00
Nº 86 - A COZINHA NORTISTA 10,00

PROFISSIONAIS

Nº 96 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE .... CR$15,00
Nº 146 - RÁDIO PARA PRINCIPIANTES 15,00
Nº 16 - CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR.. 15,00
Nº 49 - MULTIPLICAÇÃO DE PLANTAS.......... 15,00
Nº 50 - ENXERTIA PRÁTICA (c/figuras)......... 15,00
Nº 29 - MANUAL DO DETETIVE AMADOR........ 10,00

VENDAS:

RIO:
AVENIDA RIO BRANCO, 25

RUA DO OUVIDOR, 150

RUA DO MÉXICO, 128 1ª Sobre-Loja 3

SÃO PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO 403

INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL
ENVIE SÒMENTE PARA O RIO DE JANEIRO. O SEU PEDIDO PELO TALÃO ABAIXO:

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 1-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME...
RUA ....
LOCALIDADE.....................................
ESTADO ....

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25,00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ

Maravilhosamente ilustrado, a côres, por Fortunio Matania.

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO — CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS — CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

1953

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO